

ILUSTRAÇÃO

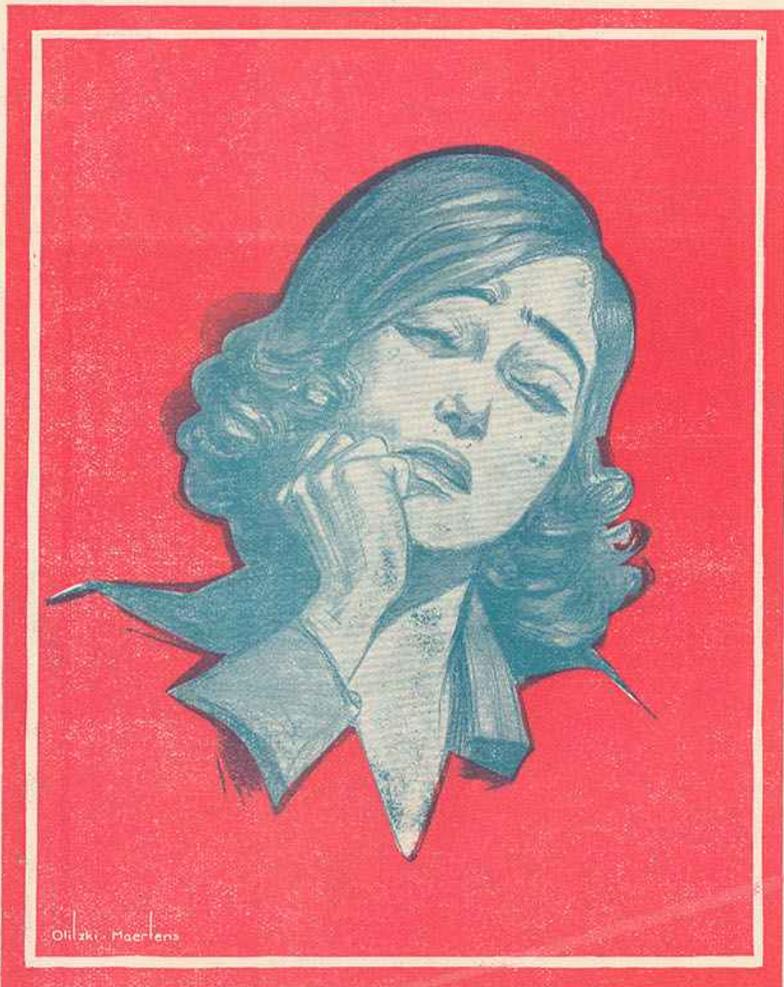


2.º ANO
NÚMERO 47

Lisboa, 1 de Dezembro de 1927

PREÇO
4\$00

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



Veramon
Schering



acalma as dores

de dentes, de cabeça e o mal estar proprio da mulher, sem que se apresente desagradavel sensação de cansaço ou de calor, ou palpitações cardiacas, tomando 1 a 1½ comprimido de Veramon com intervalos de 2 a 3 horas. Decida-se a fazer uma despesa insignificante e tirara d'isso um resultado valioso. Tubos de 10 e 20 comprimidos de 0,4 gr.

50316322

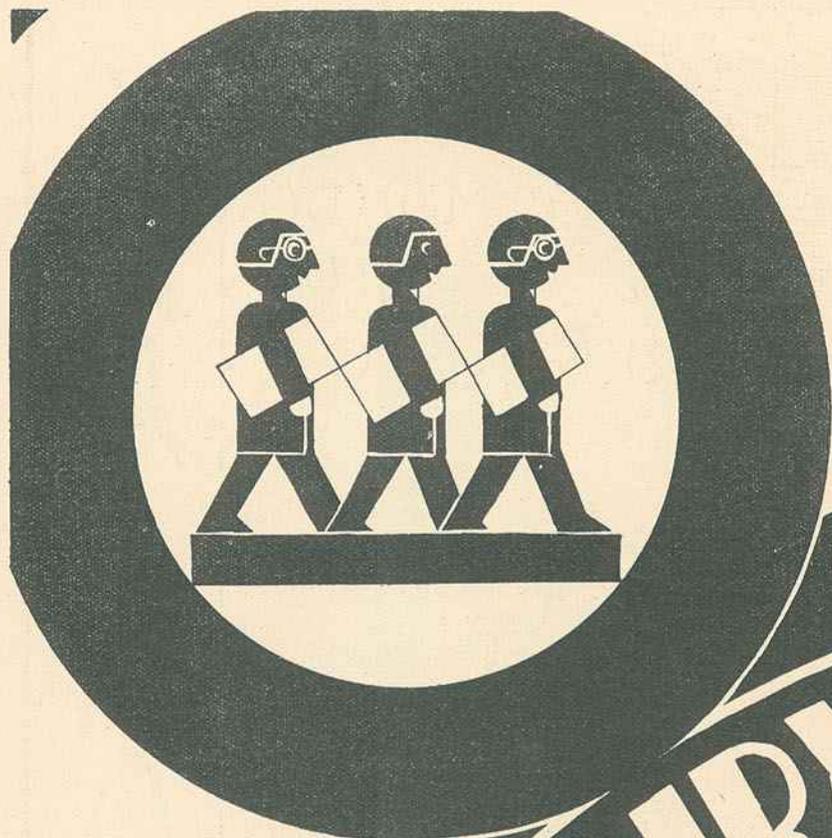
A MELHOR
SOCIEDADE DE
TODO O MUNDO,
ATÉ A CHINA
PREFERE O

CHÁ
HORNIMAN



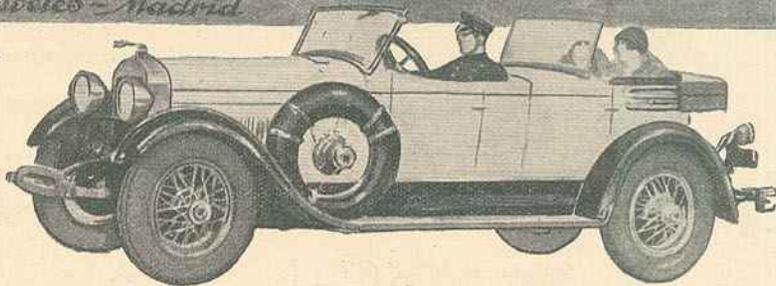
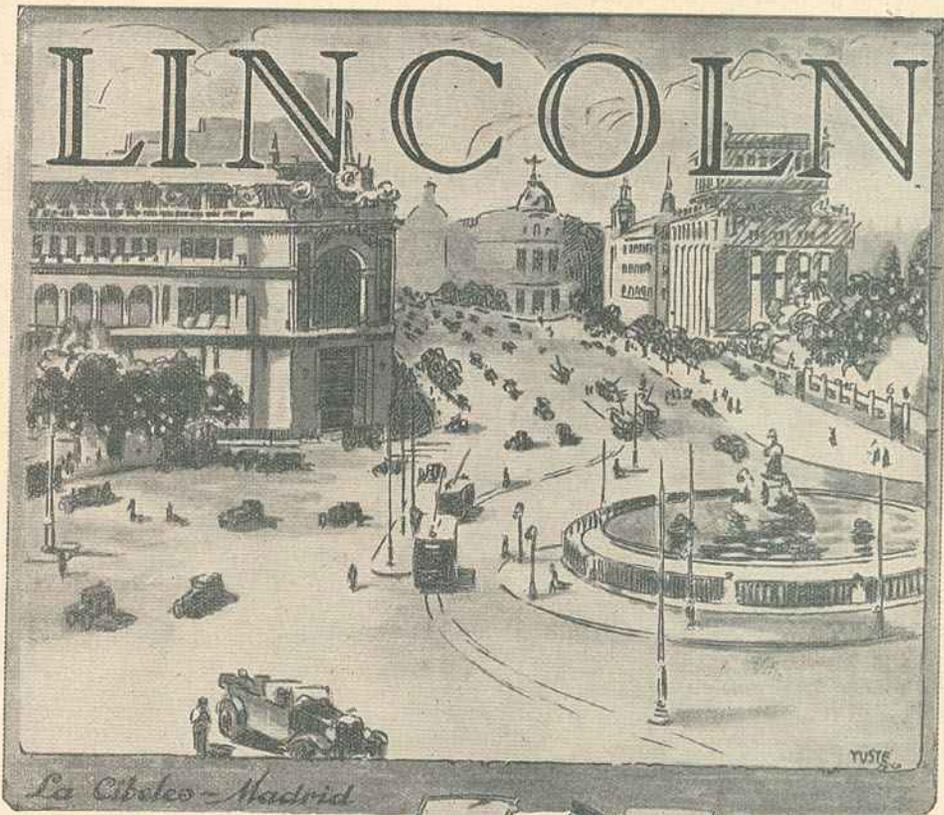
REPRESENTANTES:

No NORTE - Amadeu Ribeiro da Cunha - Rua Fernandes Thomaz, 379 - PORTO
No SUL - Carlos de Sá Pereira Lda - Rua Arco do Bandeira, 115 - LISBOA



BERRIPAND IRMÃOS
FOTOGRAVADORES
LDA
CONDESSA DO RIO
LISBOA
TEL. 96

k



O Novo Modelo Faeton "LINCOLN"

Tipo Sport

E' um carro para a cidade, distinto para os «rendez-vous» elegantes e de um aprimorado bom gosto para o grande turismo.

A excelente apresentação deste carro e o seu perfeito acabamento são um novo triunfo das criações LINCOLN.

Salões de Exposição nas principais capitais

LISBOA - PORTUGAL

OREY, LIMITADA

RUA 24 DE JULHO, 42

FORD MOTOR COMPANY S. A. E. - BARCELONA



Agradavel e Salutar.

Cuidae da vossa saude para a conservardes por muito tempo, tomando todos os dias um pouco de saes de fructa ENO, num copo d'agua morna ou fria, conforme se preferir.

O ENO é um producto efervescente contendo muitas das propriedades beneficas da fructa fresca. Laxativo ideal muito suave e inofensivo, o ENO facilita a digestão, estimula o figado e regula o intestino. O ENO vivifica egualmente o organismo e assegura a pureza do sangue. Ha mais de 50 anos que o ENO é considerado como o guarda vigilante da saude.

Uma colher das de café, num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositarios em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & C^o. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "ENO", assim como o titulo, são marcas da fabrica registadas.

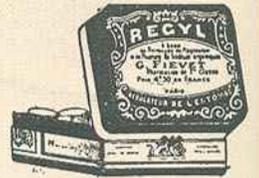


Dôres do Estomago

alliviadas

com o

REGYL



**DIGESTÕES PENOSAS
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS**

Um comprimido depois de cada refeição.

A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS

Laboratoires MILLET & GUILLAUMIN, 8, Rue Richer, PARIS

MARAVILHOSO INVENTO



PORTUGAL

Os cabelos brancos retomam a sua primitiva cor natural com o uso do Insubstituivel AZEITE VEGETAL A. S. O. Não mancha absolutamente nada, usando-se com as mãos como qualquer brilhantina. O uso deste acreditadissimo AZEITE não é para tingir os cabelos em tal ou qual cor: é unicamente para restituir aos cabelos brancos a sua primitiva cor natural quer tenham sido loiros, castanhos ou pretos, evitando a calvicie e eliminando a caspa. — Caixa 35\$00.

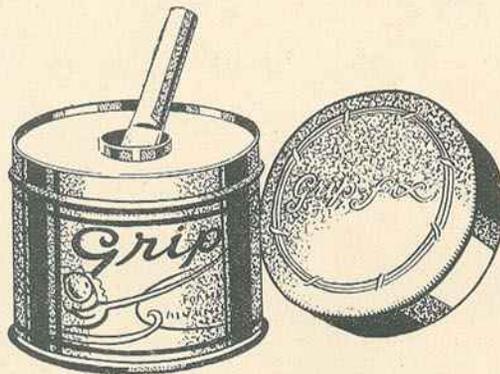
Sociedade de Productos Farmacêuticos, Limitada

Rua Jardim do Regedor, 21 — LISBOA

Grip-fix

É a cola mais económica em todos os sentidos e que se recomenda pelo aceio no seu uso.

É apresentada em lindos boiões de alumínio.



A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

Cada boião substitui 5 frascos vulgares de cola líquida.

São elegantes e devem figurar sobre todas as mesas de trabalho.

NAO SE ENTORNA, É DO MAXIMO ACEIO NO SEU USO, COLANDO IMEDIATAMENTE APÓS A SUA APLICAÇÃO.

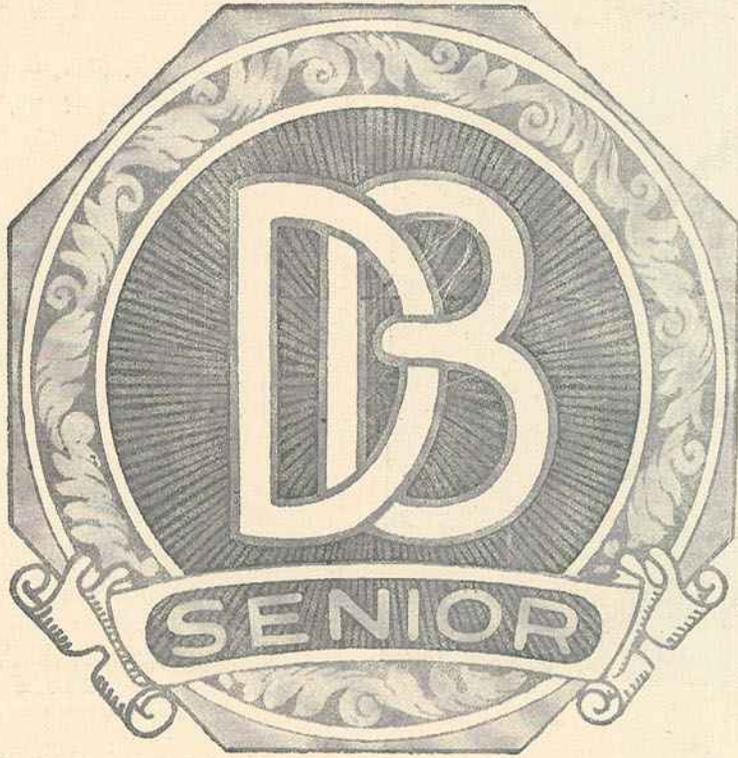
PREÇO: 12\$00

Unicos representantes para Portugal e Colonias:

AILLAUD, LIMITADA

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ANUNCIANDO



UM NOVO MODÉLO DODGE BROTHERS DE SEIS CILINDROS

A fábrica Dodge apresenta ao público um novo modelo de seis cilindros.

Ha anos já que se esperava, e desejava, que Dodge Brothers viessem a fabricar um modelo assim — mais luxuoso e, naturalmente, mais caro que o seu afamado quatro cilindros.

O publico dizia, e com razão, que um tal modelo não poderia deixar de ter grande procura e aceitação.

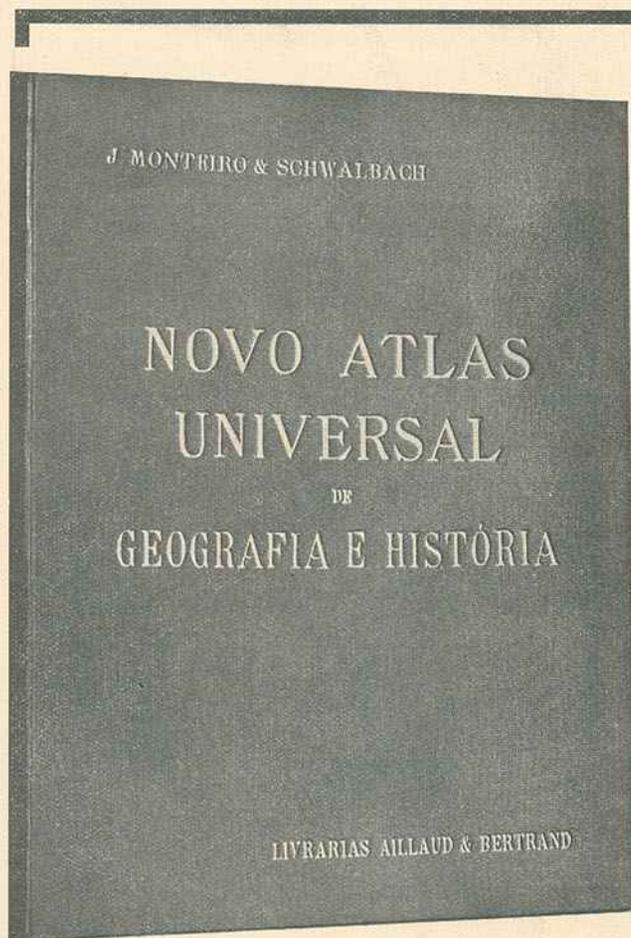
O valor rial dos produtos Dodge aliado aos requintes que um fabrico mais caro permitiria — dizia-se — não poderia deixar de resultar num automovel de verdadeiro mérito.

Os Seis Sénior é a realização deste desejo.

É um automovel de verdadeira distincão. Extraordinariamente silencioso e elegante é fabricado, como todos os automoveis Dodge, para prestar bons serviços por longos anos.

REPRESENTANTES:

BERNARDINO CORRÊA, LTD.
LISBOA — PORTO — LOANDA



O NOVO
ATLAS
UNIVERSAL
DE
GEOGRAFIA
E HISTÓRIA
POR
J. MONTEIRO E L. SCHWALBACH

131 MAPAS

O mais completo e barato de todos os Atlas nacionais e estrangeiros,
indispensável a todos que se dedicam
a assuntos geográficos e históricos, possuindo incontestável valor:

- a) *PARA OS ENGENHEIROS, COMERCIANTES AGRICULTORES E INDUSTRIAIS:*
(Os mais recentes e sugestivos gráficos referentes à produção mineira, vegetal e animal: Portugal agrícola, geológico e mineiro; Planisfério com estações radiotelegráficas.)
- b) *PARA OS CARTÓGRAFOS:*
(Teoria das projecções mais usadas em geografia.)
- c) *PARA OS FILOLOGOS:*
(Portugal dialectológico, mapa elaborado pelo Dr. José Leite de Vasconcelos, segundo os mais recentes dados.)
- d) *PARA OS COLONIAIS:*
(Numerosos mapas das colónias portuguesas.)

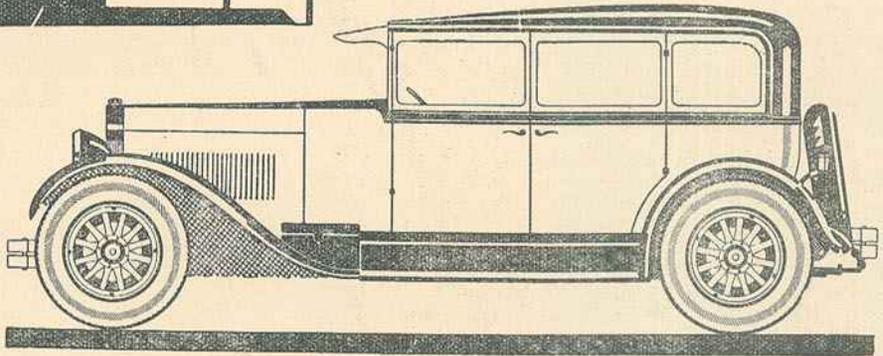
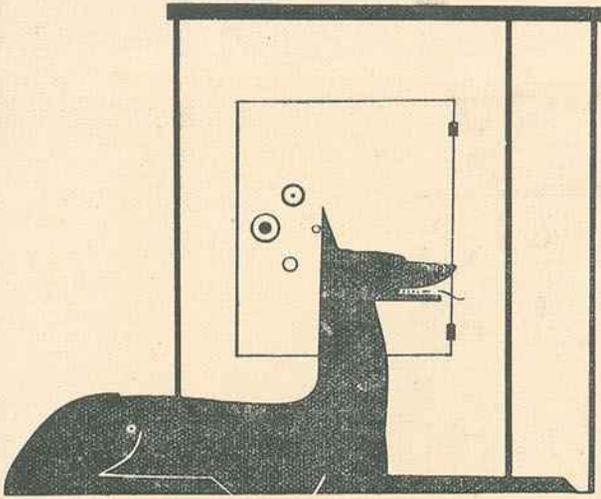
Pela primeira vez aparecem os mapas relativos ás conquistas portuguesas em Marrocos, (sob a direcção do Dr. David Lopes) e as grandes regiões e sistemas de montanhas da Península Iberica. No mapa politico de Portugal já figura o novo distrito de Setubal

PREÇO: 50\$00 ESCUDOS

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



*Bom emprego
de capital.*



Ninguém deve gastar o seu dinheiro a não ser com a certeza de bem o empregar; por consequencia não comprem qualquer outro automovel ligeiro antes de terem visto o Erskine Six; só ele pode garantir o longo serviço dos carros, do mais elevado preço, em virtude da sua resistencia e da economia do seu impeccavel funcionamento.

*Podeis comprar
estes carros com
o vesso rendi-
mento, sem tocar
no capital.*

O Erskine Six apresenta todas as características dos carros grandes, de luxo, Studebaker de 6 cilindros, universalmente reputados pela sua duração tradicional.

*6 cilindros - 12 HP. - 100 km. á hora.
subindo em prise directa rampas com 11% de inclinação.*

Construido pela Studebaker especialmente para a Europa.



E. A. 91

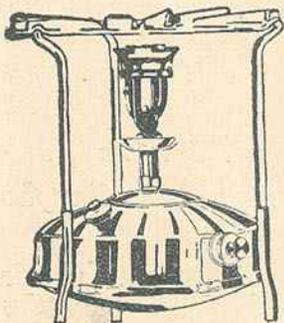
ERSKINE SIX

Unicos Representantes para Portugal :
C. SANTOS, LDA.
LISBOA : Rua do Crucifixo 55 a 59
PORTO : Praça da Liberdade
Edifício da Nacional.



Beba Agua Fervida!

A mamã só me deixa beber
agua fervida, por causa
do tifo. Nunca sabe a
fumo, porque ela
a ferve num



**FOGÃO
VACUUM**



Vacuum Oil Company



EDUARDO MALTA

Retrato da Ex.ª Sr.ª D. Mariana de Carvalho e Lorena
(POMBAL)

ILUSTRAÇÃO

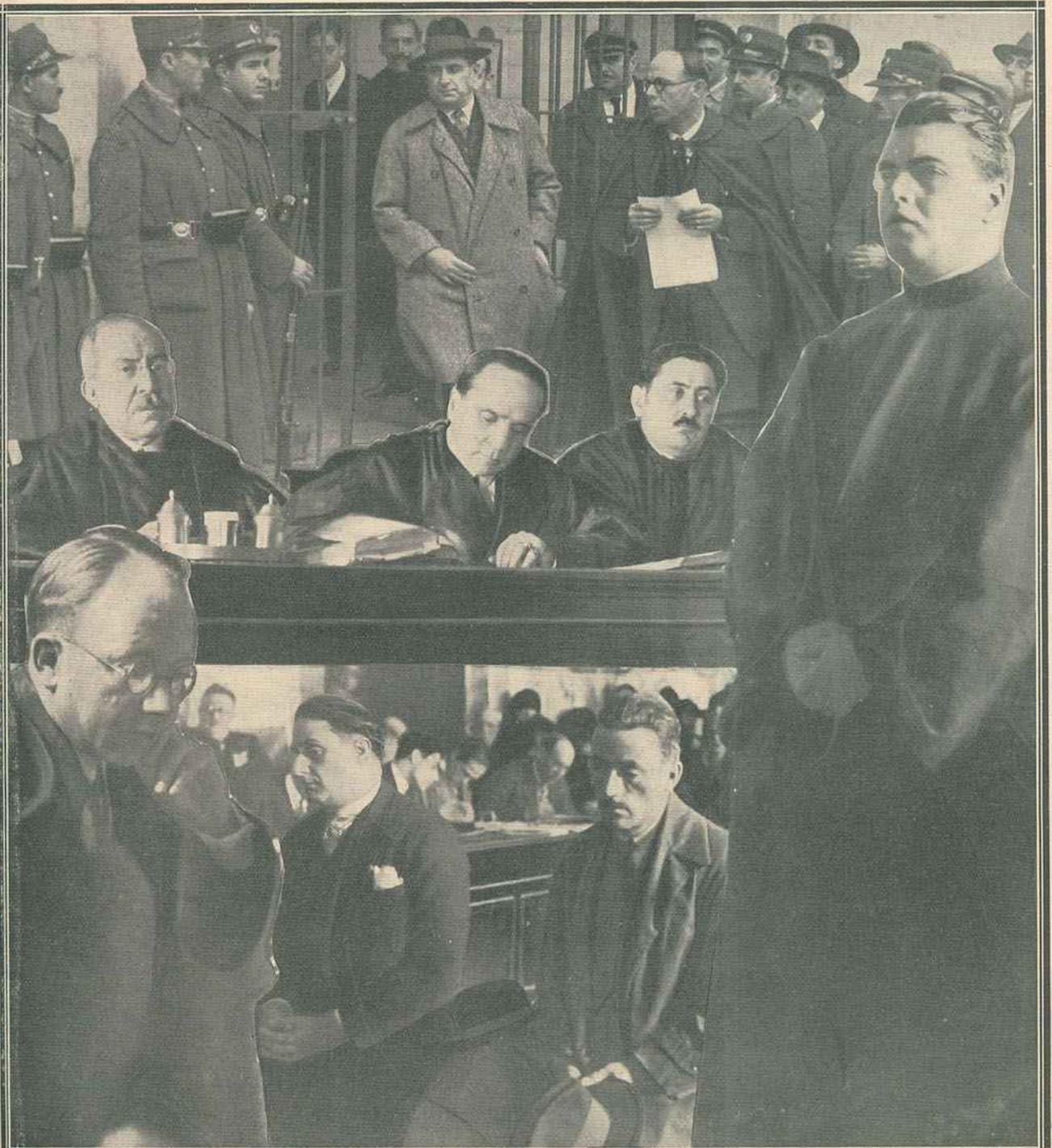
DIRECTOR:
JOÃO DA CUNHA DE EÇA

DIRECTOR-TÉCNICO:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

ANO 2.^o — NÚMERO 47

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE DEZEMBRO DE 1927



O ÚLTIMO ACTO

(Fotos Mário de Novais)

NO TABLADO TRÁGICO DA LEI, DESENROLA-SE AGORA O ÚLTIMO ACTO DA TRAGÉDIA QUE MAIS TEM APAIXONADO PORTUGAL DEPOIS DO CASO DO INCENDIO DA MADALENA. NA MESMA SALA ONDE ALEXANDRE BRAGA DEFENDEU O CÉLEBRE LEANDRO, DEBATE-SE A CAUSA DO ASSASSINATO DA ACTRIZ MARIA ALVES. JUIZES CHEIOS DE PRESTÍGIO, ADVOGADOS DE TALENTO, ARDENTES, LUTADORES INTRÉPIDOS SÃO AGORA OS «HOMENS DO DIA». O RÉU É O PROTAGONISTA DA PEÇA TODA, PEÇA SEM IMPREVISTO POSSÍVEL NO SEU FATAL DESFECHO.

CRÓNICA DA QUINZENA

Não conheço as estatísticas da criminalidade na Europa referentes a todo este período de tempo posterior à guerra. Não sei mesmo se as há relativas a Portugal, nem se elas são, agora, mais completas, e mais scientificamente elaboradas do que eram há vinte anos. Não posso, por isso, basear-me em números; mas, da simples leitura, feita de tempos a tempos, dos jornais diários, tem-me ficado a impressão, fortemente ancorada, de que os crimes contra a propriedade teem aumentado consideravelmente, tanto no que respeita às formas violentas, como às formas astuciosas. Raro é o dia em que não deparamos com assaltos a ourivesarias, a bancos, a cobradores, a viajantes em caminho de ferro, falsificações, burlas de todo o quilate, defraudações, desvios em casas bancárias, em corporações civis e militares.

Sem dúvida, nada disto é novo, todos estes crimes se cometiam antes da guerra, mas com menos frequência, e determinados por factores um pouco diferentes. Quando, por exemplo, os jornais publicavam a notícia de se ter descoberto um desfalque na casa Tal ou no regimento Tal, tratava-se quasi sempre de um fraco de vontade, um jogador que a esperança de ganhar levava repetidas vezes a utilizar-se do dinheiro confiado à sua guarda, com intenção de o repôr, até que se dava pela falta. Agora, não é assim; trata-se, na maior parte dos casos, de indivíduos com a vontade bem deliberada de se subtraírem à modestia da sua condição, bem resolvidos a viver com largueza, seja por que meio fôr, com tanto que seja rápido, embora arriscado. A bem dizer, é, também, uma cartada que se joga, mas não por vício ou por mania; joga-se a liberdade e a reputação, mas como simples meio para atingir um fim.

Para o surrateiro, o fraco, o jôgo é embolsar os trezentos contos ao alcance da mão, comprar um bilhete de caminho de ferro que dentro de algumas horas o ponha na fronteira, e a sorte está lançada. A verdade é que, com frequência, estes cavalheiros conseguem pôr-se a salvo; e é de admirar que tendo todas as nações da Europa sido vítimas destes malandrins, ainda se não tenham posto de acôrdo para apertar mais fortemente as malhas por onde elles se escapam da terra em que operaram, para irem digerir socegradamente, noutra, o produto do seu «trabalhinho».

Os audazes, e os que não tiveram a boa fortuna de ser depositários de grossas quantias, esses, jogam um jôgo mais perigoso para as vítimas, e, às vezes, também para si próprios. Se formam bando, é o assalto de pistola em punho, a uma hora previamente estudada, a um banco, uma ourivesaria: um empregado prostrado, os outros

mantidos em respeito pelos canos das *brownings*, e num abrir e fechar de olhos, limpam-se as gavetas; depois, um salto para dentro do automóvel que os aguarda, e logo se afasta a tôda a velocidade.

Se o larápio opera isoladamente, muitas vezes escolhe para vítima o cobrador que acaba de receber uma soma importante: uma môcada que o atordôa, a carteira que cai, e o cavalheiro que se safou com ela. Ou, então, compra um bilhete para o *sud-express*, toma lugar numa carruagem onde vá um passageiro só, espera que o comboio se ponha em movimento, e na ocasião propicia, tendo-se o viajante deixado adormecer, uma facada certa adormece-o de uma vez para sempre; rapidamente, despeja-lhe as algibeiras, apodera-se-lhe da mala, e salta à linha, enquanto o comboio, indiferente, continua a sua marcha até à estação mais próxima.

Escusado será dizer que estas formas violentas do roubo, exigindo por vezes uma audácia e uma temeridade pouco vulgares, são menos frequentes que as formas astuciosas, cujas variadas modalidades se teem largamente difundido em tôdas as classes da sociedade.

Há, então, uma forma de roubar que se pratica às escâncaras, e tende cada vez mais a generalizar-se: consiste ela em não pagar o que se deve. Em todos os tempos houve caloteiros; mas, antigamente o caloteiro era um pobre diabo que nunca tinha vintem; hoje, é um indivíduo que tem dinheiro, mas somente para satisfazer os seus appetites de regabofe e ostentação. Não falta a teatros e cinemas, anda sempre de automóvel, vai veranear para as praias, mas não paga à criada, nem ao padeiro, nem ao alfaiate, e assim consegue levar uma vida de príncipe que a quasi tôda a gente se afigura inexplicável.

Em tudo isto, porém, o ponto mais importante, e que deve merecer a atenção do sociólogo e do estadista, é a extensão que o mal tem tomado nas classes médias e superiores, indício seguro de grave doença social.

É inegável que a guerra influiu poderosamente na produção deste estado de coisas. A insegurança de todos os momentos, a visão constante do perigo, a luta subconsciente contra o medo, a inibição das multiplas tendências que na paz eram normalmente satisfeitas, tudo isto mantém os instintos egoistas num estado de tensão permanente, prontos a explodir na primeira ocasião favo-

rável. Por outro lado, a preocupação dominante da integridade nacional obriga a colocar em primeiro lugar, na escala dos valores morais, o heroísmo guerreiro; daí, quando um assassino ou um ladrão, como algumas vezes se viu, se porta, em combate, como um herói, a tendência a deitar um véu sobre as suas taras morais. Sobre os «embuscados», então, que passaram tôda a guerra a coberto, a repercussão destes mesmos factos traduz-se num refinamento dos sentimentos egoistas, da cobardia e da astúcia. Não temos, portanto, de que nos admirar.

Devemos reconhecer, todavia, que a guerra não fez mais do que amplificar tendências que já anteriormente se manifestavam para a ascensão da criminalidade astuciosa e fraudulenta. Há quem atribua o facto ao declínio do sentimento religioso, não falando já dos que vêem nisto um produto do progresso da instrução, explicação evidentemente superficial. É possível; mas, se assim é, forçoso é confessar que o mal tem uma extensão muito maior do que à primeira vista se afigura, pois que, não escapam aos seus efeitos muitos daqueles mesmos que praticam as manifestações exteriores do culto. E se a causa é essa, não me parece fácil dar-lhe remédio. Uma religião não declina senão quando deixa de corresponder—como succedeu com o politeísmo antigo—às novas necessidades da sociedade a que se adequou. E então, das duas, uma: ou essa religião se transforma, adaptando-se às novas necessidades, ou se funda uma nova religião que utilize e absorva tôdas aquelas partes do antigo culto que ainda manifestam vitalidade. Ora, a maior parte das religiões teem uma fraca capacidade de transformação; e da próxima vinda de uma nova religião não descartamos o mais leve indício. O espiritismo? O teosofismo? O bolchevismo? Não lhes vejo envigadura para substituírem o cristianismo. É possível, não digo que não, que no fundo de todo este confuso misticismo se agitem os germens de cujo sincretismo sairá a religião dos séculos futuros; mas, por este século mais chegado não lhe vejo geito: a não ser que uma nova guerra, mais terrível ainda que a de 1914, crie as condições necessárias ao seu nascimento.

Até lá, é com os seus próprios recursos que a arte política terá de contar para remediar a crise moral por que estão passando, na hora presente, a maior parte das nações da Europa, e a nossa com especial gravidade, dada a pobreza de energias de reserva, a fraqueza da coesão social e a ausência quasi completa de espírito público, condições que tornam excessivamente precária tôda a obra de reconstrução.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

QUINZENA DE LISBOA



Lisboa moderna pode orgulhar-se de mais um estabelecimento em que o luxo se alia ao bom gosto e ao equilibrado modernismo, pois acaba de se inaugurar em pleno Chiado a nova instalação da casa «COLUMBIA», representada por P. Santos & C.ª, Limitada



(Fot. s. de Mário de Novais)

O Instituto Superior Técnico, escola superior de modelar funcionamento, abriu solenemente as suas aulas numa festa de elevada significação presidida pelo Ex.^{mo} Senhor Presidente da República e onde a oração de sapientia foi brilhantemente proferida pelo professor Mira Fernandes



MAIS uma quinzena de pouco movimento, êsse pouco movimento que é a arrelia do jornalista mas que, afinal, é bem preferível, por todos os motivos, a quaisquer agitações que não sejam verificadas apenas nos campos mental, artístico ou sentimental. Nada de novo, como dizem automaticamente, há anos sem conto, as sentinelas que são rendidas!... Uma paz feliz, portanto, apenas quebrada, na sua monotonia, pela abertura de algum estabelecimento de luxo a concorrer para que a cidade tome, a pouco e pouco, fisionomia nova, pela inauguração do ano lectivo nos estabelecimento de ensino superior e médio, pelas manifestações do povo ao palácio do Congresso, primeiro para felicitar o venerando Chefe do Estado pelo seu aniversário natalício e depois para lhe significar o aprêço pela sua obra governativa. Numa e noutra manifestação tomaram parte muitos operários e conhecidíssimos e preponderantes elementos republicanos, dando uma especial atmosfera àqueles actos representativos e uma significação política muito especial às palavras que se produziram durante os discursos. E eis as novidades a dar neste final de quinzena pacata como ronda de sentinela em doce noite de primavera. E, estranho paradoxo jornalístico, é o jornalista que pede aos céus sempre uma modorra desta ordem de preferência a algum *excesso de original* que corresponda a excessos de outra ordem. Felizmente será esta uma hipótese arredada de nós pelo bom senso de todos.

A manifestação de republicanos que foi sair o sr. Presidente da República



AINDA O ARMISTÍCIO

COMEMORAÇÕES

NO PORTO E NA PROVÍNCIA



Os filhos dos soldados mortos em campanha passando junto do local onde vai ser erguido o monumento e lançando flores sobre os caboucos



O comandante militar da primeira região falando às crianças filhas dos soldados mortos em defesa da Pátria, na França e em África

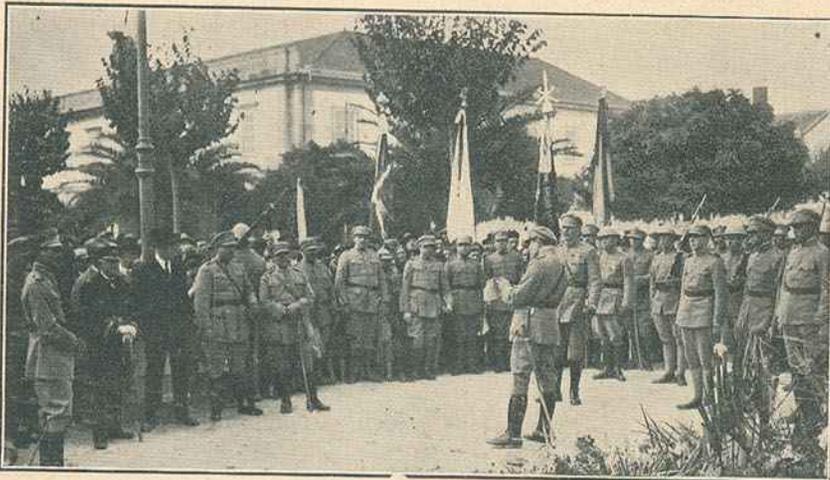


EMBORA na aparência as festas do armistício (como vulgarmente se chama à comemoração dessa data de paz universal) sejam de ordem militar, certo é que nelas comunga ardentemente, entusiasticamente, o país inteiro representado pelo conjunto dos seus habitantes de Norte a Sul, do mais opulento ao mais humilde. Data a um tempo de alegria e de tristeza rememorada, dia de saudade e de lágrimas risonhas, o dia do armistício é, consequentemente, um dia que

EM CIMA: O sr. Coronel Craveiro Lopes dando as pancadas rituais na primeira pedra. — EM BAIXO: Na praça Carlos Alberto, local onde vai ser erguido o monumento aos Mortos; o sinal de sentido para os dois minutos de silêncio

(Fotos Alvaro Martins)

sentimos impregnado duma solenidade que vai mais longe do que a solenidade tódia exterior, tódia teatral, das festividades oficiais do calendário. Quantas mães e quantos filhos não sentem neste dia a saudade dolorosa dum que lá ficou, quantos não rememorarão com júbilo um aniversário mais da data alegre em que souberam os seusãos e salvos, já fora do perigo que cessara! E uns e outros celebram quási ritualmente este grande dia de paz para os vivos e para os mortos sagrados.



Na Póvoa de Varzim — O povo e autoridades assistindo à cerimónia da comemoração do armistício. À direita: — O senhor comandante militar da Póvoa lendo um patriótico discurso. (Fotos J. M. Coutinho)



ECOS DA SOCIEDADE ELEGANTE

O aniversário da proclamação da República Brasileira reuniu, em torno da prestigiosa figura do Ex.^{mo} Sr. Dr. Lafayette de Carvalho e Silva, ilustre encarregado de Negócios da nação irmã, a parte mais representativa da colônia desse grande país a que nos prendem tantos laços de tão grande amizade. Nos salões da Embaixada do Brasil reuniu-se todo o escólo da colônia que foi ali cumprimentada pelo Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, Dr. Bettencourt Rodrigues, diplomata de prestígio que segue uma incisiva política de aproximação luso-brasileira



Realizou-se no sábado passado, na igreja dos Anjos, o casamento da Sr.^a D. Maria Cariota Afonso de Carvalho, filha do falecido capitão médico-veterinário António Afonso de Carvalho e da Sr.^a D. Anacléa Faustina de Carvalho e irmã do capitão Sr. Mário Afonso de Carvalho, ilustre publicista, e do alferes Sr. António Afonso de Carvalho, ajudante do comandante da G. N. R., com o Sr. Angelo de Azevedo Ferreira empregado do Banco Burnay, filho de Luis Ferreira (ausente) e da Sr.^a D. Amélia de Azevedo Ferreira, e irmão do nosso camarada e colaborador, Reinaldo Ferreira, «Reporter X». Foram padrinhos, por parte da noiva, a Sr.^a D. Alice da Silva Ramos e o coronel da administração militar, Alfredo Ernesto Maltez Pico e por parte do noivo a Sr.^a D. Luísa Alexandra Cordeiro Teixeira Bastos e o nosso colaborador Reinaldo Ferreira. Após a cerimónia religiosa houve um delicioso «copo de água» na residência do alteres Sr. António Afonso de Carvalho, seguindo os recém-casados, em viagem de núpcias, para o Norte



O Monte Estoril é ainda, apesar de finda a estação balnear, um grande ponto de reunião elegante. Os chás «smart» do Hotel de Itália têm estado concorridíssimos de tudo quanto é chic na linha de Cascais e de inúmeras famílias de Lisboa que ali vão disfrutar as belíssimas tardes que lhe oferecem, tardes em que se reúne uma assistência escolhida e se dança alegremente, entusiasticamente, num grande alarde de moderna elegância. As nossas fotos dão um aspecto curioso do alegre revoltear dos pares pelas lindas salas onde, a um lado, se vê a figura prestigiosa do Sr. Ministro da Guerra, tenente-coronel Passos e Sousa com os seus ajudantes

QUINZENA DO PORTO



Abertura da «Semana do Livro Brasileiro» nos Grandes Armazens Nascimento, com a presença do Sr. Consul do Brazil e do Ex.^{mo} Comandante Militar da Região, Sr. Coronel Craveiro Lopes e de todas as individualidades marcantes no meio literário portuense.

A quinzena portuense foi fértil em belos acontecimentos reveladores da alta mentalidade do seu público e do grande coração dos seus cidadãos. As homenagens a Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, a Semana do Livro Brasileiro, a comemoração dos aniversários da República Brasileira e do Sanatório Rodrigues Semide, foram factos dignos de serem assinalados nas nossas páginas.

Todos eles teem altíssimo significado. A consagração dos ilustres comediógrafos de «O garoto da Ribeira» é um acto de justiça inteira, a Semana do Livro uma homenagem igualmente justa à literatura do país irmão, que também viu festejada com entusiasmo, uma data feliz da sua história moderna. A festa do Sanatório foi uma afirmação de aprecio pelo altruismo dos seus beneméritos orientadores, belas almas de eleição.



A comemoração do aniversario da Republica Brasileira. Aspecto da recepção no consulado do Brazil com a assistencia do corpo consular e a elite da Colonia Brasileira no Porto



Comemorando o primeiro aniversario do Sanatorio Rodrigues Semide, realisou-se uma simpatica festa colaborando nela um grupo de artistas teatrais e o violinista Raul de Lemos que aqui damos em grupo com os corpos clinico e administrativo e jornalistas



A HOMENAGEM A ARNALDO LEITE E CARVALHO BARBOSA — No teatro Carlos Alberto realisou-se a justa e entusiastica homenagem do Porto intelectual aos seus grandes comediografos que o governo acaba de premiar com o oficialato de S. Tiago da Espada. Presidiu em nome do Sr. Ministro da Instrucção o Sr. Dr. Campos Monteiro e assistiram os valores mentais portuenses mais em destaque — (Fotos Alvaro Martins)

FIGURAS DO MOMENTO

VITORINO NEMÉSIO

É o moço prosador que se revelou com o seu livro de contos «Paço do Milhafre» e agora está obtendo uma nova consagração do público com o seu belo romance «Varanda de Pilatos», há dias lançado no mercado com o mais estrondoso êxito.

Vitorino Nemésio, estuante de mocidade mas cheio de equilíbrio, de solidez construtiva que se revela no perfeito labor da sua obra, conseguiu marcar com o seu novo romance um lugar de cabeça entre escritores da moderna geração.

«Varanda de Pilatos» é um belo e forte e magnífico romance, rico de ideias belas, rico de magnífica prosa finamente orquestrada, perfeito de técnica e contextura. É, sem sombra de dúvida, o mais belo romance dado à luz da publicidade este ano em língua portuguesa, a nossa bela e riquíssima língua que este autor tão profundamente respeita e enobrece.

Do livro «Varandas de Pilatos» venderam os editores, em 48 horas, cinco milheiros. É este um êxito tão grande e positivo no nosso acanhado meio literário que não é exagêro chamar-

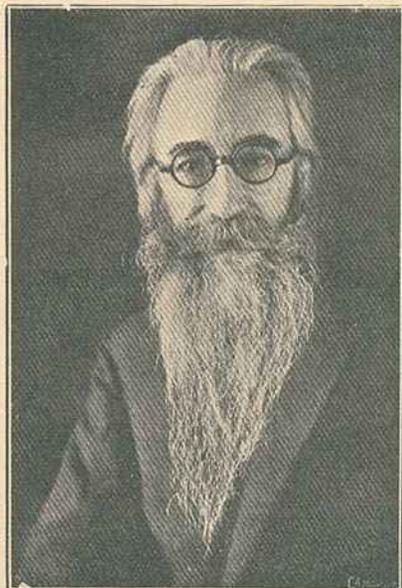


GUEDES DE AMORIM

JORNALISTA e escritor moderno que, com a sua última conferência, «A Beleza da Velocidade», trabalho modernista, realizado no Porto pela rádio-telefonia, alcançou um êxito literário.

D. RAMON DEL VALLE INCLAN

O príncipe dos engenhos espanhóis, o «Divino Manco», mestre incontestado da literatura hispânica, agora discutidíssimo pelo conflito que teve com a egrégia actriz Margarida Xirgú que D. Ramon pateou escandalosa-



mente durante a representação duma nova comédia do moço escritor catalão Joaquim Montaner. O agravo recebido pelo jovem comediógrafo foi tomado como hostilidade para a Catalunha, província onde também nasceu a Xirgú e o acto do genial D. Ramon tem sido o assunto do dia dos meios literários espanhóis. A excelsa actriz foi desagradada com uma calorosa homenagem de tódas as correntes do pensamento hispano.



MULEY MOHAMMED

O 3.º filho do falecido sultão de Marrocos acaba de ser designado pelo conselho de regência como o legítimo herdeiro do trono hipotético do vasto império africano.



ARQUITECTO EMANUEL RIBEIRO

ILUSTRE professor, que realizou na Sociedade dos Arquitectos uma bela conferência «Considerações sobre arte sugeridas da observação directa».



MARINKOVITCH

MINISTRO dos Negócios Estrangeiros do govêrno sérvio que acaba de assinar em Paris o convênio de arbitragem e não agressão Sérvio-Francês.



ARISTIDES BRIAND

O célebre homem de Estado francês que assinou o tratado de Lucarno, levou a Alemanha inimiga à Sociedade das Nações e agora assinou o tratado com a Sérvia.

-se-lhe consagração justíssima do valor muito grande do belo artista da prosa que é Vitorino Nemésio, nosso colaborador e nosso amigo dos melhores.



OS NOSSOS RAIDS

E STÁ terminado o nosso primeiro «raid», um grande abraço de amizade à terra alentejana, tão cheia de encantos, tão hospitaleira e amiga. Com a rapidez dum relampago, o soberbo «Nash», da casa Orey Antunes & C.^a, Limitada, levou-nos à volta do grande celeiro de Portugal, sem um desfalecimento, sem uma «pane», sem uma avaria, por pequena que fôsse, dando ao nosso primeiro «raid» a categoria duma formidável prova de turismo.

Todos sabem como, infelizmente, estão maltratadas as vias de comunicação ordinária no nosso país. Pois bem; o Alentejo tem, tanto como qualquer outra provincia, o direito de pedir estradas boas, modernas, transitáveis, as estradas que a economia nacional ainda não permitiu que se construíssem.

As nossas fotos mostram-nos eloquentemente que, no Alentejo há só atalhos mais ou menos largos, mais ou menos transitados. Foi por êsses verdadeiros «caminhos de cabras» que o «Nash» conduziu a nossa missão jornalística, com a segurança dum prodígio de mecânica.

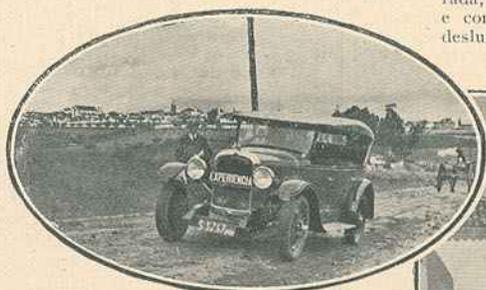
Henrique Brito, o técnico conhecidíssimo e volante maravilhoso, realizou uma verdadeira performance desportiva, sem um estrago no carro magnifico, sem uma camara de ar furada, com um consumo de essência minuscuro e com uma média de marcha completamente deslumbrante. Aos automobilistas e desportis-



A linda estrada de Fronteira.



Ponte sobre a ribeira de Fronteira.



A' vista de Aher do Chão; uma parágem... voluntária



Automobilismo... amfíbio



Em Vila Viçosa: a nossa missão após a sua chegada



Montemor o Novo: um aspecto do histórico castelo



Em Arraiolos, a linda vila dos tapetes maravilhosos



A caminho de Casa Branca, por montes e barrocas...



Será rio?... Será estrada?... Lá não à aventura...

tas da provincia do Alentejo temos muito a agradecer pelo óptimo acolhimento que prestaram à nossa expedição jornalística que, de resto, foi em tôda a parte cumulada de gentilezas as mais cativantes. Os distritos de Portalegre, Evora e Beja percorridos numa viagem rápida, incisiva, maravilhosa, abriram-nos os braços cordealmente, retribuindo com largueza o nosso esforço em ir até êles indagar-lhes as belezas e as pretensões justas no conceito nacional. Sucessivamente, em outras páginas nossas e nas columnas da *Voga*, iremos dando notas curiosas e impressões jornalísticas de Eduardo Frias comentando as fotos de Mario Novais, ambos nossos enviados especiais. O *Magazine Bertrand* começará em breve a publicar grande comentários artísticos e literários à vida alentejana, firmados por grandes cultores das letras.

F U N E R A I S

DO

E DA

A M O R

SAÚDE



Um retrato inédito de António Feijó
(Foto Bobone)

Como um cancro enorme, foi-lhe roendo o resto da existência—uns escassos vinte meses!—a amargura irremediável da solidão do seu amor. Morria aos poucos, e de pena, aquela alma gentilíssima de poeta... Longe das únicas razões de vida que possuira e não mais tornaria a olhar enlevado:—a esposa e a

terra natal—deixou-se morrer, uma vez que, para êle, a vida já não tinha sentido algum... Morria de amor e de exílio uma das figuras mais belas da mentalidade portuguesa dos últimos tempos!...

Deus louvado, não se embotaram inteiramente—após tantos anos de feroz desnacionalização!—as primaciais qualidades do espírito lusitânica... A gente da nossa terra viveu, há dias, uma das suas horas mais portuguesas, e viu-se Lisboa—a Cosmopolis de todos os egoísmos e desvairos!—cercar de vinte mil almas comovidas o ataúde brônzeo de dois grandes desgraçados... E, porque assim procedeu esta incharacterística cidade? porque de tal forma se comoveram de piedade êsses milhares e milhares de almas?...

Vagamente sabiam, os que formavam o lutuoso acompanhamento, irem ali os restos dum grande poeta português e de sua esposa: na sua quasi totalidade, a multidão que seguia o fúnebre cortejo, desconhecia os versos que fizera aquele formosíssimo e saudoso temperamento de artista, versos de

antologia, versos portugueses até mesmo quando versavam terras que não eram nossas... Não: quasi ninguém lhe conhecia as obras porque, em Portugal, como acertadamente afirmou outro poeta,

*dão só livros à gente
Nas escolas do pecado...*

...Mas, fundamente se espalhára pelo país inteiro que, o português encerrado nas paredes impenetráveis daquela urna de bronze, morrera de saudade pela esposa, pela bem-amada mulher de bênção que Deus prendera para sempre à sua alma gentil: sabia-se que, a essa inarrável saudade, uma outra vivia estreitamente unida e irremediável: a da terra natal, das margens do Lima, em terras soalheiras e verdes do Minho, que não mais tornaria a ver... Formado cristianissimamente o niuho do seu amor, António Feijó vivera quinze anos de culêvo incontável, olhando cheio de amor a bem-amada e pensando com enternecimento lusitânica na volta à terra dos seus maiores, de onde quierera jámais ter saído... Um dia porém,—e como sempre quando a vida é um sonho!—tudo acabou: a Morte esface-lava-lhe, sem piedade, a sua melhor obra, o poema de amor aonde pusera todo o seu carinho de artista e de português... Junto d'êle, entre as ruínas do seu lar,—perdido para todo o sempre!—apenas vinham sentar-se duas trágicas figuras, uma de luto vestida, e vestida a outra de rôxo carregado, sombrio e triste:—a Melancolia e a Saudade...

Por isso o povo português—e estranhamente o desta capital, tão prosaica e envilecida!—vibrou de comoção ao saber a do-



António Feijó sentiu alguma vez tendências para profassar?...



Eis o que não podem responder-nos perfeitamente estas fotos inéditas da casa Bobone...



Os fêretros de António Feijó e da esposa ao chegarem à muralha do Arsenal

lorosa história daquele poeta, bem-casado e amoroso da sua terra, e cujos últimos dias tão bem haviam resumido a tragédia do carácter lusitano. Das vinte mil pessoas que rodeavam compadecidas os ataúdes do poeta e da sua musa, pouquíssimos conheceriam as líricas admiráveis que ele compusera na formosa língua lusitana, e menos conheceriam ainda a sua obra de diplomata notabilíssimo, lá naquelas terras longínquas, frias e tristes da brumosa Escandinávia. Mas, o que todos haviam ficado a saber é que, a morte da criaturinha de eleição que Deus lhe dera para sua companheira, o desgraçara sem remédio, endoidára de tenebrosas saudades o resto da sua vida e, à semelhança de certo Pero Ruiz e daquele desventuradíssimo Rei Dom Pedro, o fizera morrer de amor... Aquele fidalgo minhoto, em cuja altiva linhagem figuravam trovadores e cavaleiros; aquele descendente do adorável Diogo Bernardes e a cuja remota família pertencera Frei Agostinho da Cruz—outro poeta e outro namorado!—ressuscitava, nos tempos de prosa de hoje, aquilo que nos tempos de outrora constituira apanágio da boa gente lusitana: o apêgo aferrado a uma criatura, e a só uma... Não houvesse ele escrito os versos admiráveis da *Ilha dos Amores*, das *Bailatas* e do *Sol de Inverno*—que, afinal, pouquíssimos conheciam!—que lhe bastaria a tragédia do seu sofrimento para o tornar grande aos olhos duma raça de sentimentais inconfundíveis como todos nós somos. A sua morte acordou na alma portuguesa uma fibra que, todos suporiam sufocada por estrangeirismos e romantismos frustrados e descaracterizantes. Afinal, Deus, o lar, a pátria, continuam sendo os enlevos eternos da nossa gente!... A morte de António Feijó parecerá, talvez, à frieza de cer-

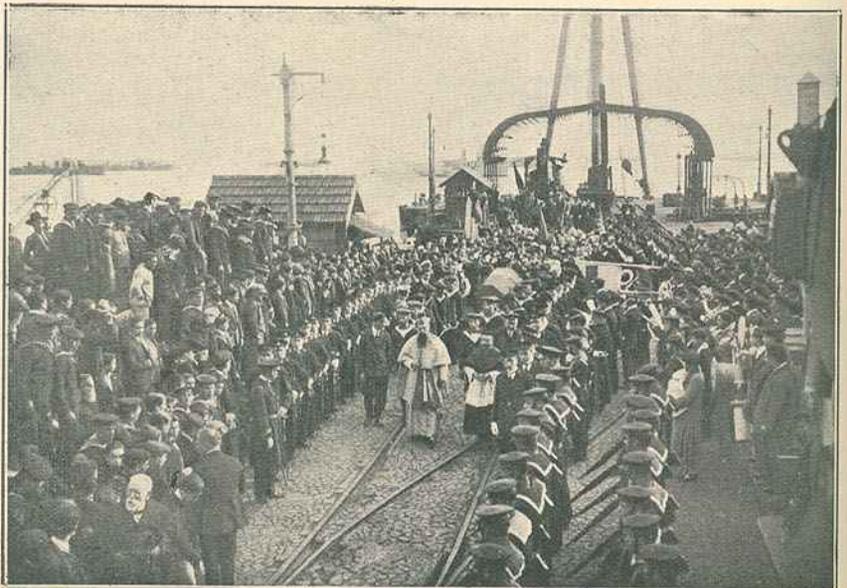
tos contemporâneos, um caso de sentimentalidade excessiva... Mas a verdade é que, o grande poeta, ao sentir como sentiu, mais não fez do que escutar em si a formação portuguesa que dos seus avós havia recebido. Com eles, possuía o culto da honra e da amizade, o amor de Deus, o enlêvo pelas belas coisas da Criação, o espírito do lirismo, e um pouco também o da aventura—que o trouxe saudosamente exilado pelas longínquas e melancólicas paragens boreais!—a comoção rural de autêntico português, o afêro por um grande ideal, por um grande sonho de amor. Como eles, correrá mundo, conhecera a vida e a beleza percebíveis e começara depois a ver,—saudosamente e após um longo embevecimento—que a felicidade, quando a possuímos, não passa, afi-

nal, de um pômo, dourado e lindo sim, mas apenas contendo lá dentro cinzas frias ou destruidora vermina: a certa altura tudo se estarela, apenas restando, aí de nós! a solidão, o luto, a saudade!... Mas, sempre o sonho persiste em almas portuguesas... E, portanto, desfeitas as ilusões da mocidade, mister se torna buscar para a nossa alma um grande Sonho que a Morte não possa desfazer entre os seus dedos gelados e crucis... Já alguém da família de António Feijó—alguém que no século houvera por nome Agostinho Pimenta, e fôra depois, ao envergar o humilde burel de cenobita, Frei Agostinho da Cruz, o lírico admirável!—já ele bem cedo conhecera e compreendera o nada dos sonhos de todos nós e também as agonias que haviam de levar ao túmulo o seu futuro e longínquo parente... Voltou-se então para o amor que não perece e está muito para além da Morte e da Vida!

Simplemente, em António Feijó, e ao contrário do que sucedera com o lírico cenobita, a Saudade e o Amor haviam por tal forma lançado raízes que, ao desventurado poeta, não ficaram dias que bastassem para curar as chagas do seu espírito. Veio a Morte libertá-lo e conduzi-lo para Deus—a ele que bem merecera do Criador, como português antigo, como espelho de casados, como artista...

...Por isso bem se poderia dizer que êsse comovido cortêjo de milhares e milhares de pessoas, seguindo pelas ruas desta egoísta e desvairada Lisboa, os ataúdes do Poeta e da sua Musa, constituíram em pleno século vinte uma ressurreição, qualquer coisa puramente medieval e portuguesa, uns enterrecidos e comovedores funerais do Amor e da Saudade!...

ARIEL.



EM TERRA PORTUGUESA: O sr. Bispo de Trajanópolis presidindo o enterro religioso de António Feijó e da esposa

EMMA GRAMMATICA

EM LISBOA

Como a Duse, como Tina di Lorenzo, como a Vitaliani, veio também dar umas récitas em Lisboa, a

grande actriz italiana Emma Grammatica. Estão ainda vivas, na memória das cultas plateias lisboetas, as noites de arte, a sugestão de beleza, a sedução pessoal dessa outra grande artista de Itália que é Vera Vergani. Então Lisboa foi, pouco a pouco, conquistada à sua desculpável ignorância e à sua proverbial apatia em matéria de afirmações de bom gosto. A perfeita organização dessa Companhia dramática, o requintado virtuosismo na realização de certas peças, o luxo perverso dos scenários, o admirável equilíbrio dos conjuntos, a probidade artística, o brio pessoal de todos os seus elementos e a superior direcção dêsse ingénito homem de teatro que é Dario Nicodemi, tudo concorreu à compita para o sincero entusiasmo das derradeiras noites e para as fundas saudades que entre nós deixou.

Mas Emma Grammatica tem outro passado, tem outras responsabilidades, vem precedida de uma outra fama. Nessa *corrida do facho* que em Itália tem sido quasi sempre o regime de concorrência das suas glórias teatrais, é hoje Emma Grammatica quem, através do mundo, o leva nas suas mãos victoriosas. No conceito dos próprios italianos, nenhuma outra, depois da Duse, tão alto e tão puro tem mantido o fogo do facho sagrado.

Desde a *Sirenella* da *Gioconda* de D'Annunzio, em 1899, até à *Sainte Jeann* do irlandês Shaw, nos nossos dias, a sua vida artística tóda tecida de recolhimento, de modéstia e de seriedade pensativa, tem sido um lento e seguro caminhar para a consagração, entre o respeito da crítica europeia e o entusiasmo comovido das plateias.

Falta-lhe uma lenda de infelizes amores, o prestígio romântico das aventuras, um coração em chaga para dar em pasto ao apetite sádico das plateias. Mas a sua arte enobreceu-se, dia a dia, penosamente, no culto simples da própria dignidade. A obra de génio é um milagre de amor e uma longa paciência — diz-se. O aforismo é conhecido. E tem sido, com efeito, no laboratório dessa

longa paciência que a grande artista tem procurado, com infatigável amor, o segredo dos seus triunfos, na mesma inocência de espírito em que os artistas-pintores da Renascença o procuravam nas oficinas dos mestres, aperfeiçoando a escôlha e a composição das suas tintas. Ocorre-nos, a propósito, o trecho duma entrevista que há tempos, em Paris, o redactor dum grande jornal moderno fez à insigne comediante. Era em plena batalha dos cabelos curtos e das danças modernas — o *shimmy*, o *charleston*, todos os requintes da época. Consultada,



Emma Grammatica pronunciou-se singelamente pela graça rítmica das danças tradicionais, europeias, e pelo privilégio feminino dos cabelos longos.

— Compreendo perfeitamente, acrescentou com um sorriso, que as gerações modernas, medradas na nevrose moderna, alimentadas por ideias modernas, tenham em mais estima a liberdade dessas danças e dêsses costumes novos. Mas ninguém me pode levar a mal que eu ame a graça das coisas do passado em que eduquici o meu espírito e que

tantas obras de imperecível beleza nos legou.

«Tenho uma viva desconfiança dos modernismos.

*
* *

E no entanto, o ecletismo do repertório anunciado, onde há de tudo, desde Ibsen e Shaw até Bataille e Nicodemi, se não é de um audacioso modernismo, foge ao consabido mostruário de peças de exame e de confronto, pelas quais é de uso aquilatar o virtuosismo dos *dôs de peito*. Certo, a produção dramática está hoje em decadência por todo o mundo, e não lobra o olho desapassionado obra contemporânea de grande fôlego, através da qual possa mostrar-se em corpo inteiro e tamanho natural uma personalidade artística da envergadura e do temperamento da grande artista italiana.

Mas quiséramos ver anunciado alguma coisa de melhor e de mais saboroso que o que nos prometeu o seu cartaz. À excepção de *Sainte Jeanne*, desconhecida ainda em Lisboa, e das obras de Ibsen, cuja beleza é sempre actual, quer-nos parecer que a escôlha do programa não foi inteiramente feliz. *La Vierge folle* e *La Nemica*, o que nos poderiam já hoje dizer?

O público de elite, que vai ouvir e aplaudir Emma Grammatica — e só um público de elite ela deveria esperar em Lisboa — tem já, a pesar de tudo, outras exigências de espírito e outras sêdes de beleza. E sem recorrer a Pirandello ou a H. Lenormand, por demais discutidos e discutíveis, decerto no seu repertório encontraria duas ou três obras definitivas, de feição moderna, com as quais brindasse, com vantagem, as plateias lisboetas.

Estes ligeiros reparos, em nada diminuem o nosso profundo respeito pela probidade artística da grande comediante. Simplesmente não é duma gloriola efémera de *boulevard*, mas duma embaixatriz da grande Arte que se trata. Em diplomacia, as credenciais se não são tudo, são pelo menos uma peça importante do processo. E, de resto, *noblesse oblige*.

S.

COMO SE ENTRA PARA A AVIAÇÃO...

Voar foi sempre uma das mais adoráveis tentações. A conquista do espaço é uma das mais empolgantes descobertas do engenho humano. Há no vôo uma beleza intraduzível, uma suave noção de posse, de domínio e de sonho, tudo esbatido num misticismo imprevisível, um misticismo de acção, que maravilha. No ar, numa velocidade suspensa em pleno azul, entre núvens que passam como os tapetes rolantes das Mil e Uma Noites, e uma perturbante, uma encantadora sensação de vertigem, de altura e de distância, a alma humana descobre sobre si própria, novas e arrebatadoras perspectivas, sucessivamente mais belas e aliantes. O perigo é um abismo de encantos, toda uma volúpia do desconhecido. O aparelho, um adorável brinquedo, zombando delicadamente, de todas as impossibilidades, como se nos transportasse a uma outra existência, onde não é conhecida a dimensão, e fossem suprimidas todas as noções inexoráveis da vida mesquinha, quotidiana.

Assim, a aviação é uma nobre actividade; uma função de escol, magnífica união do espírito lendário dum aristocrático passado, pleno de subtis idealidades, com a nossa época positivista, perfeitamente sintetizada na hegemonia do motor...

Ninguém como um aviador conhece melhor os segredos e o encanto da amplidão. A posse desses segredos o domínio desse encanto não é fácil conquistista...

— Para isso há a escola...

Esta observação é feita pelo capitão Montenegro, passeando na pista, aguardando o momento de conduzir o meu vôo.

— Há então uma escola, onde se cuspina a arte de voar...

O capitão Montenegro, sorri, compreendendo bem a nossa intenção. A palavra escola, sem mais nada, como se falássemos de uma aula de instrução primária, inexpressiva e monótona, nada significa.

Mas uma escola de vôo, um vasto conjunto de aulas onde um espírito sedento de horizontes vastos, consegue afirmar a mentalidade e a perícia dum aviador, é qual-

quer coisa que entusiasma como um sonho de criança, como um mundo por estrear.



Mademoiselle Maria de Lourdes de Sá Teixeira, a primeira aviadora portuguesa (Foto Novais)



Um grupo de alunos na escola da Granja do Marquês em Sintra

(Foto Novais)

A pista, com os seus aparelhos docemente pousados ou cruzando o espaço; a mancha dos hangars, o recorte sobre a imensa planície, dos mecânicos e pilotos, com os seus *passes-montagne*, os *macacos* de ganga ou os fatos de couro; a pista transformada, assim, num campo de escola prática de aviação, trans-

muta esta planura da Granja do Marquês num cenário empolgante, que é a primeira sensação arrebatadora da arte de voar.

E naturalmente surge esta pergunta:

— Como se entra para a aviação?

Esta curiosidade é mais viva quando nos apontam como aluna, o perfil elegante de uma senhora, D. Maria de Lourdes Sá Teixeira, a primeira senhora portuguesa que obteve o *brevet* de aviadora.

Prestou umas provas magníficas — informam-nos. Há muito tempo que entre os candidatos ao *brevet* não aparecia mais completa organização de qualidades requeridas para um piloto. Poucos resistem às provas na casa da tortura...

Ficou-nos no ouvido esta expressão «casa da tortura», e ligamo-la à ideia de iniciação para a conquista do direito de dominar o espaço. Uma descida arriscada do capitão Melo corta-nos o fio dos nossos raciocínios e intercepta uma longa fiada de perguntas. O capitão Melo é um magnífico instrutor. Vê-lo voar, é conhecer as variadíssimas *nuanças* do assombro. É prodigioso na sua arrojada acrobacia. Seus vôos são a perfeita união da audácia e da beleza à fantasia, a mais caprichosa.

— Capitão Montenegro. Pode levar-me a conhecer a sala da tortura?...

— Na aviação não há nada trágico. É tudo belo...

O capitão Montenegro é um espírito muito lúcido, cultíssimo e sereno, um *charmeur* do espaço. Os seus trabalhos na secção de fotografia e cartografia aérea são um primor.

— Supõe então que na aviação há coisas terríveis?...

Chegámos junto do capitão Cintra, o director da Escola de Aviação, que nos oferece remover todas as dificuldades da nossa curiosidade.

Vamos finalmente saber como se entra para a aviação.



Abra os olhos...

Estou sentado. Mandam-me fechar os olhos. Alguém inclina-me a cabeça, que fica apoiada na mão, cujo cotovelo encosta ao braço. — Não abra os olhos.

Sinto a cadeira rodar cada vez com mais força. Distingo um confuso murmúrio de vozes.

Tenho a impressão de que a cadeira roda e balança como num redemoinho sobre vagas tremendas, numa tempestade furiosa.

Súbito uma voz, como num pesadelo:

— Abra os olhos... Abra os olhos.

É difficilissimo. Num espaço de tempo que não mede um segundo, sofre-se a angustia da ante-visão, porque é horrível a idea do que será o espectáculo, da confusão de planos quando os olhos se abrirem de súbito, sobre uma variedade inverosímil de perspectivas em movimento.

Abri os olhos, com imenso custo, e então foi verdadeiramente desconcertante. Só depois, quando voltei à normalidade nervosa, tive a certeza de que não caíra de uma espantosa altura, cuspid e precipitado no vácuo. Ninguém conserva a serenidade nesta prova. Há quem solte um grito aflitivo, quem se precipite da cadeira, antecipando-se à ilusão da queda horrível ou em busca de um equilibrio desnecessário.

Há ainda quem perca o conhecimento por minutos, e não consiga deminar o enjôo, mais angustioso do que o enjôo marítimo. A prova consiste em examinar o modo como o candidato reage á angústia, á violenta perturbação nervosa, e o tempo que demora em voltar á normalidade.

Há ainda outras provas para registar a sensibilidade ás variações de altura, sentimento de equilibrio, velocidade, percepção de ruídos, de estabilidade e muitas outras provas, tôdas elas exaustivas, que exigem um conjunto admirável de energia física e nervosa, que falece nos indivíduos de aparência robusta e suposta resistência moral.

Estas inspecções são um rigoroso exame psicológico. Os resultados d'êste exame são bastante curiosos. Os indivíduos corajosos em extremo e de robusta compleição física, são reprovados em

grande número. Há uma coragem física e moral fortemente recusada para a aviação. A ausência da sensação do perigo é um valor aparente, num aviador. Não pode ser um impressionável, mas precisa de ser rigorosamente um emotivo. A angústia, a dôr, o enjôo, a diferença brusca de altitude ou de equilibrio, todos os reflexos precisam de estar certos, dentro da reacção normal.

A ausência de sensação de um perigo iminente, neste caso da selecção para a aviação, não é valentia, é reprovável desequilibrio de sensibilidade.

De modo que o equilibrio de um aparelho, começa pela exigência de equilibrio nervoso do piloto.

A Escola da Aviação está magnificamente instalada, na Granja do Marquês em Sintra. Não podiam escolher melhor localidade para uma escola de cavaleiros do ar. Respira-se um ambiente antigo, um ambiente absolutamente fidalgo. Quando nos falamos na aula de meteorologia, e vamos caminhando para assistir á exposição dos seus mapas, dos seus aparelhos de demonstração, não nos sentimos na nossa época, onde triunfa a máquina e um conceito demasiado grosseiro do dinheiro.

Dirigimo-nos para as aulas de telegrafia sem fios, ou motores, caminhando por áreas de buxos, numa magnífica evocação dum passado aristocrático, dum passado de glórias. Vivemos aquela época heroica das descobertas, época magnífica onde se recortam os vultos do Infante D. Henrique e de Pedro Nunes.

A extraordinária beleza da vida observada das alturas, inicia-se com uma severa harmonia, exigida aos dominadores do espaço.

Entra-se para a aviação pela mais perfeita harmonia da energia humana.

EDUARDO FRIAS.



A prova da cadeira

Atravessámos a pista e entramos no antigo palácio da Granja do Marquês, onde estão instalados o comando, a secretaria, as aulas teóricas... Perfeito ambiente de um passado pleno de nobreza.

— Quer fazer uma das provas?

— A peor.

— Então a da cadeira.

Um dos alunos vai buscar a chave, a chave da sala das inspecções. É agora que vou conhecer a famosa sala da tortura.

Entretanto informo-me.

Em 100 candidatos, propostos para a aviação, são apurados apenas 12 e menos ainda.

A selecção é rigorosissima. O exame ás qualidades físicas e psíquicas é escrupuloso. A prova da cadeira é a mais típica.

É um *fauteuil* semelhante à cadeira de dentista. O aluno que foi buscar a chave faz rodar o assento da cadeira sobre um eixo.

— A cadeira é esta. É aqui que se observam as qualidades de equilibrio e de reacção nervosa dos vários estímulos resultantes de uma queda aparente ou de uma imprevista disparidade de planos e perspectivas. Sempre quer experimentar?

Sento-me, sem uma palavra. Dou um leve retoque á minha expressão, laivando-a de serenidade... Depois...



A nossa... Ruth Elder

A NOVA INDUMENTÁRIA DO "CHANTECLER"



Há poucos anos Edmond Rostand anunciou aos quatro cantos do boulevard, que são os quatro cantos do mundo, uma peça nova, excêntrica, inverosímil. Os actores eram bichos, a scena passava-se numa capoeira. O galo, a galinha, o faisão, o mocho, o rafeiro da quinta, diziam de sua justiça em versos alexandrinos de rara perfeição.

O «boulevard» assombrou-se. Aquilo era de mais. Era um grito de audácia, uma machadada nas velhas praxes literárias... «É preciso respeitar os moldes», diziam os mais indulgentes... Outros acusavam Rostand de plagiário e de «snob». E veio à baila Aristophanes, e vieram à discussão os «Animali parlanti» dum italiano massador e semi-ignorado.

A peça foi à scena e não andou muito tempo pelo chão dos palcos. No entanto houve chapéus «à Chantecler», capas «à Chantecler»...

O galo francês voltou a ter foros de símbolo procurado e o «boulevard» sorriu e esqueceu.

Chantecler largou então a correr mundo. Por tóda a parte, como se uma onda de conservantismo tivesse alagado o mundo, foi criticado desfavoravelmente. Os cronistas

graves pasmavam do arrôjo e o galo mudava de poleiro... Uma noite chegou a Lisboa. A Lisboa do tempo, uma Lisboa que não queria comprometer-se pateando, aplaudiu à gargalhada. «Aquilo não tinha geito nenhum»... Riram artistas, literatos e conselheiros. A má língua também se intrometeu no assunto.

Atribuiu-se a Rostand intuito político na feitura da peça. Os animais assumiam proporções de nacionalidades, de virtudes ou de misérias cívicas internacionais. O bicho que odiava o sol «porque nunca o tinha visto» era alguém, o «alguém-colectivo» que nunca tinha compreendido o espírito francês, e Chantecler-livro, mais do que Chantecler-peça, foi lido, comentado, interpretado minuciosamente no segrêdo das chancela-

sua indumentária; «Chantecler» que era ultra-novo no fim de alguns de séculos de literatura normal—foi considerado velho pelos mesmos que há uns anos tinham criticado ásperamente o seu modernismo estrambótico e «snob», e, ao pensarem dar-lhe novamente vida scênica trataram, primeiro que de novo visse a luz da ribalta era pretudo aquilo era *velho*, era pouco moderno...

Ficára «demodé» em poucos anos. Para que de novo visse a luz da ribalta era preciso vesti-lo de novo. Arrancar-lhe os *farrapos arcaicos*, dar-lhe uma aparência decente neste século do telégrafo sem fio, dos turcos sem fez e das mussulmanas sem véu. Século. Sem (com s...).

E temos novamente «Chantecler» estilizado, modernizado, um tanto cubista, procurando evocar os personagens pela estilização simbólica mais ainda que pela caracterização animal conseguida nas primeiras representações.

E um novo galo, um galo de penas estilizadas levantará outra vez o seu hino ao sol, o hino da França ao astro sempre jovem que possui na sua carne de fogo a eterna adolescência dos deuses do Olimpo.

C. DE M.



rias. Os alexandrinos de Rostand foram examinados como escalas dum termómetro clínico que marcasse a temperatura do sangue da França.

Os criticos esqueceram-se de Aristophanes e outros nomes foram pronunciados em surdina — chuchotés — em centros políticos e redacções de jornais.

Uma imprudência — diziam os inimigos.— O mais belo hino à virtude gaulesa — diziam os outros.

Depois tudo esqueceu. Não se falou mais na peça e há um ano a ninguém pareceria razoável que ela ressuscitasse e de novo a declamação francesa lhe matraqueasse as sílabas sonoras.

Pois bem: «Chantecler» que tinha sido em tempos o máximo arrôjo dum autor e dum empresário; «Chantecler» que chegára a ser um «escândalo», tão arresvada era a

O MUSEU BONNAT

Léon Bonnat pertenceu, como pintor, a uma escola que hoje não goza do favor da crítica suficiente, a escola dos *pompier*s. Seria injustiça negar-lhe, porém, a qualidade de bom retratista, seguro de mão e probo. Mas se a sua produção de artista não é assombrosa, outro tanto se não pode dizer da sua obra de colecionador. Mediante os réditos do seu pincel—Bonnat fôra arvorado em pintor oficial da República Francesa—conseguiu formar uma galeria que vale, de mão beijada, os seus cem milhões de francos. Esta galeria transferiu êle do seu pala-

EM BAIONA

Van Dick, Wateau, Boucher, etc. Muitos anos antes do legado, Bonnat anclava para a sua cidade natal a criação dum museu em que os estudantinhos viessem aprender o que é o Belo. Tal ambição realizou-a plenamente, tanto o museu Bonnat satisfaz, sobretudo, pelos seus desenhos e esquisos, à didáctica da arte.

Mas seria estreiteza de entendimento confinar o museu neste papel. Logo na primeira sala há adoráveis retábulos primitivos em que sobressai um suavíssimo Boticelli. E logo noutra, quadros dos melhores mestres flamengos rivalizam entre si, sendo para notar dois Rembrandts, que fariam bela figura no Louvre. E que dizer da sala em que está realçada a pintura inglesa por Reynolds e Lawrence, e a espanhola por dois Grecos, *Duque de Benavente*, grande inquisidor, e o *Cardial Quiroga*, arcebispo de Toledo, a um lado obras primas de nobreza, a outro obras primas de realidade, sem falar nos David, nos Prudhon, nos melhores Ingres que temos visto? Porventura os seus três Goyas sejam do mais medíocre que tenha produzido o grande feiticeiro, mas a *asa de papagaio*, de Durer, em aguarela, é um trecho, dentro do seu género, sem igual nas galerias da Europa.

Notável é ainda a sua coleção de bronzes de Barye, escultor por quem Bonnat tinha especial predilecção, e para ver e admirar os esmaltes de Limoges, os mármoreos antigos e um busto de Miguel Ângelo, saído do *atelier* do grande mestre. E não são menos preciosas as suas tapeçarias, urdidas pelos teares de primeira nomeada no Renascimento.

Tudo isto reuniu Bonnat em trinta anos de «antigualha», sóbrio na vida como um asceta, diligente e calado na sua faina como um castor. E todavia fica de pé o maravilhoso. Como pôde, mercê dos proventos da sua arte, acumular esta riqueza o pintor Bonnat? Decerto que pintou muitos presidentes da República, vários pápas, milionários pródigos e madamas milionárias, à razão, nunca para baixo, de vinte e cinco mil francos por cabeça. Não era dos *rapins* de Montparnasse que se contentam com 200 francos todos os meses no *marchand de tableaux*. Era

um artista medalhado, condecorado, catedrático, à moda no meio oficial, com certa voga no seu tempo. Porventura que teria a sorte de topar muitas pechinchas no seu caminho, e que algumas das obras expostas no museu e que ostentam grandes nomes sejam duma autenticidade insegura. Mas que ganhasse rios de dinheiro, que pirateasse afortunadamente a tórto e a direito, que em Espanha descobrisse panos de raz a servir, como entre nós, a estendal do pão nas ciras, fica ainda margem ao extraordinário, aqueles cem a duzentos milhões de francos que



INGRES — No banho



GRECO — O cardial Quiroga

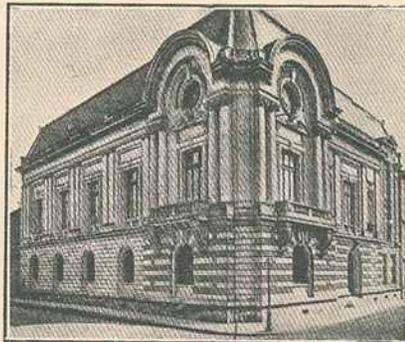
cete da Place Vintimille, em Paris, para o edifício adrede construído pela cidade de Baiona, a quem instituiu legatária universal. Baiona fôra a sua terra de bêrço e que lhe votára uma «bolsa de estudo» para poder cursar as escolas de Paris e de Roma. Reconhecido por um lado, bairrista por outro, se não sciente de que as suas coleções, ainda que principescas, afogar-se-iam no *mare-magnum* de arte que é Paris, tanto como o seu nome, ou simplesmente reconhecido, porque não, doou à cidadezinha basca o invejável recheio dum museu já hoje célebre.

Baiona, que é um burgo de prosápia e de orgulho—*nunquam polluta*, resa a sua divisa—que até aqui se gloriava dos tiraços nos seus velhos muros, da sua pirataria desalmada, da sua catedral em gótico septentrional, do seu rio, da ponte do Espírito-Santo, dos seus pinhais, do seu chocolate, aponta hoje ao forasteiro com justo desvanecimento, o museu Bonnat. Ali se encontram trabalhos assinalados dos grandes mestres, bronze, mármore, tela, tapeçaria, marfim, mas no que prevalece a muitos museus de grande fama é na rica e profusa coleção de desenhos. Desde Durer a Ingres há ali do melhor: Belini, Signorelli, Rafael, Leonardo de Vinci, Ticiano, Miguel Ângelo, Rúbens,

pode valer o escrínio. É sabido, aliás, que um dos Baryes o pagou por cincoenta mil francos e que o álbum donde derivam os seus famosos desenhos de Rembrandt, Rúbens e Durer, o disputou em hasta pública contra amadores dos dois continentes. Mas este facto dá ainda relevo à sua crónica de colecionador.

Bonnat era de família pobre e teve de aceitar dos concidadãos a mesada de estudos; aos trinta anos comia o *beafsteck* cosinhado na tripeça a álcool do *atelier*; pela vida fora não jogou na Bolsa, não especulou em negócios, não recebeu heranças. Com o produto da sua paleta, apenas, amealhou aquele tesouro de fadas. O facto é singular e aceitável no meio protético de Paris. Fora de Paris, seria uma das histórias que vem da América.

Ao vício de coleccionar teria Bonnat sacrificado a sua arte. Esta passaria ao segundo plano das paixões. A verdade, todavia, é que se o pincel o não imortalisa, ai está, enquanto Baiona fôr Baiona, imortalizado no bronze com que em plena Place de la Liberté os seus conterrâneos comemoraram a sua liberalidade se não a sua obra.



O Museu Lucien Bonnat, em Baiona

AQUILINO RIBEIRO.

LIVROS E ESCRITORES

Camilo, além de ter sido o maior novelista da paixão de que a nossa literatura se orgulha, foi, a acrescentar a muitas outras manifestações do seu génio, um epistológrafo verdadeiramente extraordinário. Já andam arquivadas em dezenas de tomos as suas cartas a escritores e outras individualidades de relêvo no seu tempo, cartas entre as quais nem uma sequer se encontra desprovida da inconfundível marca do seu talento, tão de perto cingido pela desgraça. Isto não obsta, porém, a que ainda, de quando em quando, como de tesouro sem



fundo, continuem a aparecer novas cartas suas, de cuja existência, por vezes, só raros tinham suspeita ou rumor. Assim se deu agora com o copioso volume de *Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco ao 1.º Conde de Azevedo*, impressas e divulgadas pelo actual herdeiro desse mesmo título, que é sobrinho do bibliófilo distinto que tanto se cartouco com o insigne criador do *Amor de Perdição*. Anotando-as com escriptulo e saber, o promotor da publicação preston um óptimo serviço às nossas letras, pelo muito que essas cartas informam sobre a vida do escritor suicida. Foram elas, na sua maioria, escritas já quando, de górra com outros achaques, a cegueira lhe invadia os olhos.

Na segunda parte do grosso e valioso tomo o actual sr. Conde de Azevedo evoca a figura do seu nobre antepassado, num perfil que dá realce ao seu espirito gentil, aberto de par em par à luz da cultura intelectual e amigo e conhecedor de livros como poucos.

João Cabral do Nascimento há muito se revelou como poeta de elevada inspiração. Seus versos não se esfaram em confidências de fingido amor, nem tampouco em telas bucólicas de desbotada côr, como se imaginados por um cego de nascença, cuja retina nunca foi posuída pela luz.

Todos os seus temas são íntimos, tocados de saudade e melancolia e, sobretudo, acusando a inquietação e a saciedade que impregnam a atmosfera do nosso tempo. No seu recente *Descaninho* essa feição singular do seu temperamento assinala-se bem. Mas, a par do poeta, temos de ver em João Cabral do Nascimento outra actividade mental digna de nota: a de investigador no campo histórico, indole a que pertence o seu último trabalho impresso: *Apolamentos de História Insular*. Nado na Ilha da Madeira, doia ao autor que dos primórdios da colonização da sua terra tão pouco se soubesse e dissesse, pouco mais mesmo do que disse na sua famosa crónica o seicentista dr. Gaspar Frutuoso, e nem sempre com minúcia e firmeza. E por isso meteu-se a folhear velhos papéis e a colher da sua leitura elementos que o habilitaram não só a vulgarizar documentos de muito interesse sobre o assunto como a emitir sobre elles a sua opinião inteligente.



Saída na data consagrada ao armistício, *A luz do lampadário* é uma plaqueta desenhada e escrita, em verso, pelo sr. capitão Menezes Ferreira. Dando fala à ossada do Herói Desconhecido que, na Sala do Capitulo, representa os nossos soldados mortos nas plagas africanas durante a Grande Guerra, o autor adverte os portugueses dos novos perigos que ameaçam o nosso patrimonio colonial. O pretexto deste brado, que tem vibração patriótica e em que o poeta se coloca ao nível do ilustrador, é a questão das obras do Porto da Beira, hoje tão debatida na imprensa. *Tu e Eu* não é a tradução do belo livro que Paul Géraldy escreveu e intitulou *Toi et Moi*. *Tu e Eu* é obra original duma nova escritora da nossa terra que adoptou o pseudónimo de Inês. Nas suas páginas, com um tom de sinceridade que é o melhor atributo do livro, freme uma alma de apaixonada, que, alternadamente, se luariza de saudade e esperança e se roja no desespero, em impetos de suicida.

Mais um livro de Mercedes Blasco: *Caras e Corações*, escripto de historietas escritas com espontaneidade. Há boa observação e muito sentimento em todas elas e as suas figuras, embora apenas lançadas em meia dúzia de traços, apresentam a vibração de seres vivos. É livro que consegue prender o leitor, atributo de que nem todos os livros se gabam. A *Enciclopédia pela Imagem* vai acimatando entre nós a pontualidade. Nos períodos certos em que se propôs dar seus tomos, não falta com elles. O último occupa-se da *Revolução Francesa*. Acontecimento que tamanha repercussão produziu na história moderna, fogueira de que ainda hoje há labaredas no mundo, — a queda do regime monárquico em França, suas causas e efeitos, seus mentores e responsáveis, seus algozes e suas vítimas, suas torpezas e seus rasgos heróicos, tudo isto nos aparece narrado sucintamente nestas páginas, como resumo da enorme bibliografia que existe sobre o assunto, mas sem a omissão de um único facto decisivo ou de qualquer figura preponderante nesse período histórico. Trata-se de uma completa lição, valorizada por esplêndidas gravuras. Há quem, nesta hora, cerre punhos contra a alude de traduções que desabou sobre o nosso mercado livreiro, em detrimento do livro de autoria portuguesa. Em parte há razão neste protesto, porque, se não devemos fechar as fronteiras intellectuais aos valores estrangeiros, num *chauvinisme* feroz, o que é indispensável é que as obras traduzidas sejam de real mérito e não de nullo préstimo, como tantas vezes se verifica. Não impende esta arguição sobre os livros de Guido da Verona, escritor italiano de fama mundial que está agora a imprimir-se em língua portuguesa. O romance *A vida começa amanhã*, que abre a série, é bem digno de apreço. Logo ao encetar-mos a sua leitura nos invade a certeza de estarmos perante um autor de superiores faculdades. Além da arte da escrita, que é nele muitíssimo pessoal, há nos seus enredos temas audaciosos, figuras pujantes de humanidade, situações que empolgam. Na *Vida começa amanhã* a psicologia dos entes que compõem a intriga é dada com mão de mestre. O homem que, utilizando o seu saber de médico, se atribui o direito de matar, para conseguir que a chama do amor se levante altiva e pulcra, para que a vida forte e bela da sua amante e do filho de ambos que vai nascer se não turve, é dum recorte dominador nas páginas deste livro, que o sr. dr. Francisco Xavier Rodrigues traduziu com invulgar brilho literário e escriptulosa fidelidade ao original. Oxalá todas as traduções fôsem deste quilate, que então deixariam de ter justificativo os queixumes que a respeito de sua excessiva abundância e sua duvidosa qualidade se ouvem nesta hora.

O sr. Adolfo Benarus resolveu-se agora a escrever uma história completa do povo hebraico, pondo-a sob o título *Os Judeus*. Quem há que, estranho à grande família israelita, conheça bem as vicissitudes e também as glórias desse estranho povo que, embora disperso pelo mundo e tantas vezes cruelmente perseguido, mantém coesa a sua fé religiosa e não vacila jámais na esperança de algum dia ver reconstituída a pátria ancestral? Judeu, para o vulgo, é sinónimo de usurário e aos israelitas que sobem às altas situações da finança olha-os o geral das gentes como seres demoníacos que moem entre as suas mós de ouro os destinos dos povos adversos ou indiferentes ao seu credo. Aliás, já Topinard, na sua *Anthropologie* marca na psicologia semita



o amor do ganho, gerador do espirito comercial, conceito que muito se aproxima do do vulgacho. Todavia, a raça judaica apresenta nomes célebres nas artes, nas letras e nas sciências e sua contribuição para o avanço mental da Humanidade não é despreciando. Isto nos ensina no

seu presente livro o sr. Adolfo Benarus, narando-nos todos os factos salientes da grei israelita, desde que ela gerou um Deus e o matou, desde os tempos bíblicos, em que a voz dos profetas tropejava, até aos dias de hoje, com o problema do sionismo frequentemente trazido à barra da politica internacional. Nos *Judeus* é justo ver, mais do que uma obra de simples entretém, um inteligente livro de informação.

Alípio Rama, no *Verbo Humilde*, apresenta seu atestado de maioridade na poesia. Não é que em seus livros anteriores houvesse ainda muita timidez, mas neste, verdadeiramente, é que elle alcança jus a ser olhado com admiração. Como a água que veio longo caminho escondida sob a terra, só denunciando sua existencia por um leve murmúrio, em certo ponto e momento brota contente, cantante e límpida, na glória de vêr a luz, — assim o seu talento vinha, de livro em livro, ganhando novas forças, até que hoje pôde gritar com ufania que é adulto e criador. Nos poemas deste volume há a espontaneidade e a singeleza que tornam a poesia a linguagem das almas. Lendo, por exemplo, *Na volta do corvelo*, em redondilhas de recorte tão natural, tão isento de artificio, veem-nos à lembrança certos deliciosos versos de João de Deus e de Augusto Gil, e dizer isto parece-nos que é resumir em poucas palavras o maior elogio a que pode aspirar um poeta moço. Mas não só a redondilha é bem trabalhada por Alípio Rama:



também outras medidas poéticas lhe são dóceis. O soneto, sob a sua mão, não perde a linha clássica que lhe é própria. Vêja-se, como modelo, o *Voluptuoso Soneto*, que cinge o pensamento à justa, levando-o em progressiva intensidade até o último verso, cheio de intenção.

VEJAM-SE NO N.º 46 AS CONDIÇÕES DO NOSSO CONCURSO LITERÁRIO

CINEMATOGRAFIA

Eis um filme americano que conquistou Paris por completo, apesar do calvinismo, talvez exagerado, que hoje se nota em França. O realizador desta obra de arte é, porém, o genial Cecil B. de Mille, o que equivale a dizer que a sua produção é digna de ser admirada em toda a parte. De resto o seu entrecho é deveras curioso, como pôde avaliar-se pelo seguinte resumo.

Ken e Madalena Paul-ton vão em viagem de nupcias ao Grand Canyon. Ken tem um braço parafítico em virtude de algum mal misterioso que os médicos não sabem classificar. Mas sua esposa, inexplicavelmente sente, desde as primeiras horas, um medo doentio de seu marido. Ken encontra um moço sacerdote anglicano, Jack Moreland, que o reconforta um pouco e lhe reco-

men- da uma cura de energia. No mesmo hotel, a vaidosa Isabel Tyrell, «hírt» com Fred Tomkins, bom rapaz, mas desastrado e sem grande inteligência. Ao ver Jack, a coquete rapariga sente-se atraída por este e começa um vago e ramanesco idílio. Acabadas as férias, o acaso faz saber a Isabel que o seu ideal é... um sacerdote e então volta-se de novo para Fred, que exige o casamento imediato, devendo para isso partir ambos para S. Francisco nessa mesma noite.

Ken também foi aconselhado a fazer uma urgente intervenção cirúrgica, pois

“A MARCA DO PASSADO”

leva todos bem como a Jack, na esteira de Isabel. O destino os juntou e todos meditam nos caprichos do destino quando há um abalo formidável, um estrondo horrível: o vagão foi despedaçado num choque... as chamas irrompem... e nelas se evoca a história do passado que se apossou vagamente do seu sub-consciente.



Outrora, na Inglaterra, no século XVII, um senhor, Ken, Lord Barwick, casou livremente com Madalena, a cigana. Depois, tentado pela fortuna de Isabel Lady Tyrell, quer à força casar com esta. Isabel foge, disfarçada em camponesa. Jack, jovem soldado, esconde-a, mas Barwick encontra-a e prende Jack, a quem Isabel já ama. O Lord, então, põe-lhe o dilema terrível: ou casa com ele ou manda matar Jack. Isabel, dolorosamente, acede ao sacrifício. Ergue-se então uma voz; é Madalena, a cigana, que reivindica os seus direitos, com a palavra que Barwick lhe dera. Mas um criado grita à plebe que a cigana é bruxa e a pobre é condenada ao fogo. Jack, porém, apesar de sofrer a tortura, consegue livrar-se, e depois dum luta suprema, dá a morte ao cínico aristocrata, salvando Isabel e Madalena...

está numa grande crise que motiva a fuga de sua mulher, cheia de terror. O mesmo comboio, expresso os

O pesadelo acabou entre as chamas. As vítimas da catástrofe tentam livrar-se dos escombros. Jack conseguiu salvar Isabel,





damente escrito, não só para a força hercúlea daquele atleta, mas também para a en-diabrada verve de Karle Dane e George K. Arthur.

enseñado por Germaine Dulac, a que se seguirão um novo filme de Dimitri Kirsanoff e logo após «Cavaleiro de Faublas» e «Cromwell».

* * *
Arlette Marchal regressou a Paris vinda de Hollywood, onde não voltará a trabalhar na cinematografia.

* * *
F. W. Murnau, o autor da versão cinegráfica de «Fausto», vai realizar na América um novo filme, «Os quatro diabos», sobre o mesmo argumento que o sueco Sandberg usou para o filme de igual título que foi um dos maiores sucessos cinegráficos de há uns dez anos.

* * *
As «Produções Markus» vão executar um largo plano de realização, começando pelo extraordinário romance de Colette intitulado «Chéri», que será

* * *
Robertine Cusey (Miss France) fará a sua estreia do cinema interpretando o papel de

corrigida da sua vaidade e Fred, o grotesco noivo.

Para salvar Madalena e salvar-se a si próprio, Ken só pode contar com o braço paralizado mas, num esforço supremo, o braço inerte voltou a ter vida e consegue arrancar às chamas a esposa querida.

E todos ficaram subitamente libertos da terrível recordação inconsciente do passado. Madalena adorará dora àvante o marido e Isabel, menos frívola, compreenderá que a felicidade está em Jack...

* * *
Este bellissimo filme de grande brilhantismo scénico, tem por protagonistas os artistas mais novos e justamente mais célebres da hora presente: Josef Schildkraudt, Jetta Goudal, William Boyd e Vera Reynolds. A produção pertence à casa Producers Distributing Corporation.



* * *
Entre as estrelas e astros do mundo sportivo, que tem sido atraídos ao cinema, encontra-se Ivan Linow, notável lutador e que desafiou o grande Zbysco. Este atleta acaba de assumir o desempenho de um papel, com Karle Dane e George K. Arthur, o famoso par de comediantes. O trio promete ultrapassar o memorável êxito alcançado em «The Rookies» pelos dois cómicos citados.

Assim, o argumento foi proposita-

Paulina Leclerc no filme «Madame Recamier» que o enscenador Gaston Ravel vai realizar.

* * *
«O gabinete do dr. Galigari» está actualmente em entusiástica «rê-prise» no «Vieux Colombiers». Porque não teremos visto ainda esta obra prima da cinegrafia?

* * *
A última produção do cómico francês Tramel, tem o sugestivo título de «O Mistério da Torre Eiffel».



F E M I N I N A

O princípio d'êste inverno, princípio tardio mas, por isso mesmo, mais terrível ainda, veio trazer às

Vestido de noite em crêpe picador azul lavanda, incrustações de veludo em diferentes tons. Criação Riva

(Foto H. Manuel)

nossas cidades um vislumbre das grandes noites de inverno de Paris, das capitais do mundo que o azar geográfico colocou em situação de clima menos temperado. Claro está que a Moda, deusa tutelar das mulheres elegantes, excedeu-se a si própria, no desejo de as bem servir com modelos variados e lindos vestidos par inverno, trajos confortáveis para a rua, para a deliciosa opulência dos salões e dos teatros ou para o concheço íntimo dos lares, êsses lares deliciosos, pequenos reinos de contos de fadas em que a varinha mágica é o soberano bom gosto da mulher *chic* e distinta. Chapelinhos de feltro conchegados às fontes rosadas, túnicas luxuosas modelando corpos esbeltos, quentes abafos a envolver o galbo friorento das elegantes, pijamas de surpreendente originalidade e do encanto mais requintado, tudo damos nesta curta resenha do bom gosto, que é nossa página de gravuras.

Os pijamas são de evidente inspiração oriental quanto ao corte e ao tecido, transformando pitorescamente as mulheres desta idade «Jazz-bandescas» em princesinhas que fariam o encanto do sultão magnífico que ouviu, de Scherazada, as mais belas lendas do mundo.

¶ Ao centro — Saída de teatro em veludo negro forrada de setim branco e guarnecida com raposa branca. Criação Brialise

(Foto H. Manuel)

¶ Pijama de setim verde claro com tunica em lamê verde claro e oiro. Criação Lucien Lelong

(Foto Sciaoni)



Um delicioso pijama de Drecoll, em gorgorão estampado para a tunica e setim para a calça

(Foto Sciaoni)



Chapeu de Lewis em peluche verde escura

(Foto H. Manuel)



Os grandes frios, frios extraordinários, excessivos para o costume do nosso clima, trouxeram, marcando-a bem, a necessidade dos grandes e confortáveis abafos, dos abrigos sumptuosos e elegantes contra os rigores do vendaval e a chuva impertinente.



Poente alentejano

(Cliche de Mário Novais)

EM REDOR DO ALENTEJO

(Do nosso enviado especial à grande província alentejana).

Entrámos no Alentejo. Não é preciso consultar a carta, perguntar o nome das terras que o fiel Nash vai percorrendo. O Alentejo marca as suas fronteiras no nosso sentimento. Partimos descuidados, com este orgulho alfacinha, pleno de cavaqueiras de reforma nacional e livros a esmo nas vitrines dos livreiros. E de súbito, uma doce melancolia, um profundo ambiente de meditação invade-nos e um sentimento mais forte de repouso, de calma adoração pelas esquecidas virtudes do nosso país, domina a nossa admiração.

Um leve remorso subjuga-nos até ao veemente desejo de clamar justiça, para esta planície de sonho, de prodigiosa evocação histórica e para o esquecido celeiro de Portugal, que é a terra alentejana.

*

Que lindos os montados, com os troncos dos sobreiros, avermelhados, numa perfeita ilusão de esbraceamento. O sol sóbre este



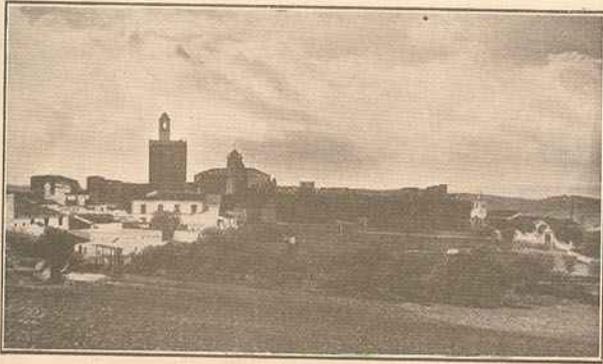
VILA VIÇOSA — A igreja dos Agostinhos, um dos mais curiosos monumentos da linda vila alentejana, outrora estância régia



A pitoresca vila de Monsaraz — A saída da vetusta muralha que cerca a povoação



EM EVORA — O templo de Diana, uma joia maravilhosa de arquitectura clássica, desgraçadamente desmantelada pelo tempo



ALANDROAL — Uma vista de conjunto desta pitoresca vila de tão grande futuro



JUNTO A MONSARAZ — Um cantinho perdido do mundo, cheio de paz e encanto

tom rubro, acorda a fantástica visão de um magnífico incêndio.

E as oliveiras! Que mancha de verde bronze, com reflexos de prata! Que severidade, que encanto de planície. Sente-se bem aqui, no Alentejo, a gênese do símbolo da pacificação, tecido com o ramo da oliveira.

E sob esta atmosfera de religiosa paz, recortando-se nos longes puríssimos, de uma calma mística, a contínua aparição de torres e castelos, evocando um lindo passado de luta, de fé e de fidalguia.

O automóvel corre, balouça sobre estradas horríveis, erçada de buracos pavorosos, e a pesar disso, o nosso olhar está suspenso. Quando paramos, a nossa admiração encontra sempre uma prodigiosa acumulação de coisas belas, onde se extasia. Entramos numa discreta pousada, numa vivenda, e há riquíssimos mármore, em grandes lages, ora dourando, ora adoçando a frontaria das casas tão lindas, tão brancas, tão características, com a variedade infinita das suas decorativas chaminés.

Só me acodem, como comentário constante nesta peregrinação pelo Alentejo, estas três palavras: *Doce, rico, fidalgo.*

ber, um desvelado amor à tradição e ao lar, tão rico de motivos decorativos. Que lindas faianças, que gosto na escolha do mobiliário, que graça no desenho e colorido das chitas, que tanto abundam na casa alentejana! E que riqueza, sim, nas formidáveis co-

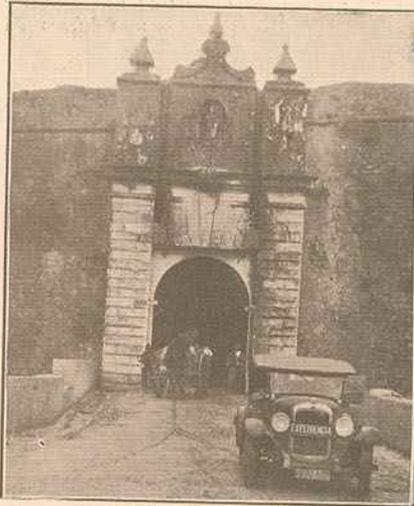
lheitas da azeitona, da cortiça e da criação de gado!

É, talvez, o mal do Alentejo, no que respeito à sua propaganda. Há no Alentejo, riqueza e simplicidade, e daí um pouco a indiferença a favor da expansão das suas belezas e o deslizar tranquilo do conceito que envolve esta tão linda província de Portugal, num ambiente de região sertaneja, atrazada e inculta.

Nós é que não podemos deixar correr mais tempo essa opinião sobre o Alentejo. Traze-mos ainda nos olhos a limpidez alacre das suas vilas, tão risonhas, tão brancas, tão progressivas. Aparte as suas vastíssimas culturas, as vilas alentejanas são ricas de quintas de recreio, onde a arte se alia ao profundo amor da terra.

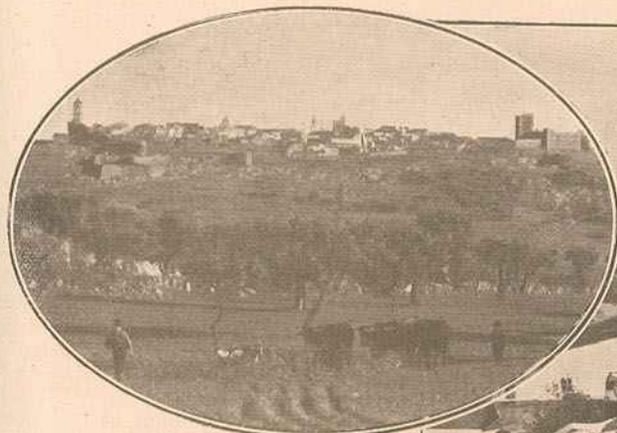
Nós é que não podemos esquecer nunca a magnífica impressão recebida nessa terra maravilhosa, que viveu entre o montante e o arado, precioso arquivo da história de Portugal, eternizado nos seus belos monumentos e arca onde todos os portugueses tem seguro o trigo que dá o pão de cada dia.

E. F.



ESTREMOZ — A porta dos Currais

(Fotor de Mário Novais)



Vista geral de Monsaraz, no alto da sua colina magestosa

São expressões inevitáveis, porque no Alentejo, em cada casa, a mais pobre, há sempre doces, um requinte fidalgo em rece-

Aspecto parcial de Monsaraz, uma vila de recreio, ntingo conservando inalterável o ambiente pitoresco e curiosíssimo



CORÉ- GRAFIA

O TEATRO CONTRIBUI PARA O RENASCI- MENTO DA DANÇA

Dada a importância que a arte coreográfica alcançou como elemento expressivo e decorativo, é hoje raro o produtor de espectáculos teatrais que a não inclui nos seus programas.

Por toda a parte onde se faz bom teatro musicado, ela ocupa um lugar de destaque, que não só as superiores exigências de produção, como o aprêço em que o público a tem, largamente justificam.

Por este motivo e ainda porque a dança é uma das artes que mais satisfaz naquelas que a executam o desejo de exteriorizar aspectos íntimos num elevado sentido estético, dia a dia aumenta, por todo o mundo, o número dos seus adeptos: os que a leccionam e os que a cultivam. Talvez nenhuma outra arte tenha hoje tantos admiradores como ela! Cada vez surgem mais escolas ministrando o seu ensino, mais artistas revelando as suas variadas modalidades.

São as danças regionais da Europa, com o seu gracioso cunho popular, animadas e ingénuas: russas, húngaras, inglesas, escocesas, irlandesas, italianas, espanholas; as requintadas danças do Oriente, muito estranhas: da Arábia, Pérsia, Índia, Indo-China, Sião, Java, Japão; as danças impulsivas do continente negro, desde as dolentes do norte influenciadas pela arte da Ásia Menor, às arrebatadas do interior do Congo; as das Américas, umas conservando o seu sabor primitivo, outras alteradas pelo gosto dos novos ocupantes; as estilizadas das danças das civilizações da Antiguidade: Maia, China, Índia, Egipto, Assíria, Babilónia, Grécia, confundidas no seu culto de beleza com os mistérios e o culto das religiões.



São as danças acrobáticas de incoerentes atitudes, de contorcionismos; as danças de sociedade desde as austeras evoluções da

habilidosas e convencionais das escolas italiana e francesa do bailado romântico.

Finalmente a dança livre e expressiva, que revela personalidades e estados de alma; interpretativa de temas musicais e criadora de ritmos e motivos plásticos próprios.

Todos esses aspectos da dança teem actualmente milhares de cultores, e o teatro que não dispensa a sua colaboração exhibe-os profusamente com crescente agrado do público.

Constantemente surgem «estrelas» da arte de dançar; novas concepções e arranjos originais de talentosos e progressivos coreógrafos; solistas notáveis e corpos de bailado cheios de unidade e de graça.

Por um lado as exigências do público e a sua afluência cada vez maior aos teatros, constituem estímulo para constantes inovações em que a dança e o bailado teem um papel predominante. Por outro, a concorrência que já está sendo grande neste campo profissional, promove uma selecção que beneficia não só o público mas também o próprio artista.

Este vai sentindo cada vez mais a necessidade de aumentar as suas aptidões. Por isso se encontram no estrangeiro bastantes figuras de relêvo do teatro musicado, que não só são admiradas pelos seus méritos líricos como pelos coreográficos.

Nos grandes centros teatrais como Londres, Berlim, Nova York e Paris, até figuras secundárias teem de cultivar constantemente a sua arte, o que as obriga a consagrar horas de estudo e de trabalho diário em «estúdios» de declamação, mímica, canto ou dança.

Só quando o nível técnico dos artistas profissionais do teatro assim se eleva, graças ao esforço, que o incessante desejo de aperfeiçoamento e a concorrência motivam, é possível montar as suntuosas «revues», «feeries» e «musical comedies», em que os conjuntos são surpreendentes.

E os números de dança, que teem nessas produções um papel muito importante, não podem ser desempenhados por amadores.

Só com o persistente estudo e a aturada cultura técnica dos que se entregam à arte coreográfica com devoção e dedicação de profissionais, podem os seus cultores alcançar o poder expressivo, a precisão, a leveza e a graça que fazem da dança a arte sublime do teatro que a um tempo deleita a vista e o espírito.



Idade Média, aos desvairados e frenéticos «charleston» e «black bottom»; as danças

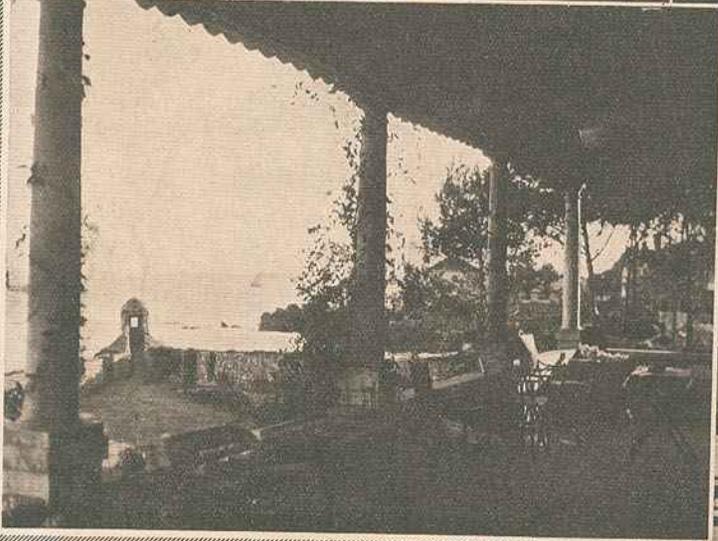


A CASA PORTUGUESA

CASA DE S. BERNARDO

(CASCAIS)

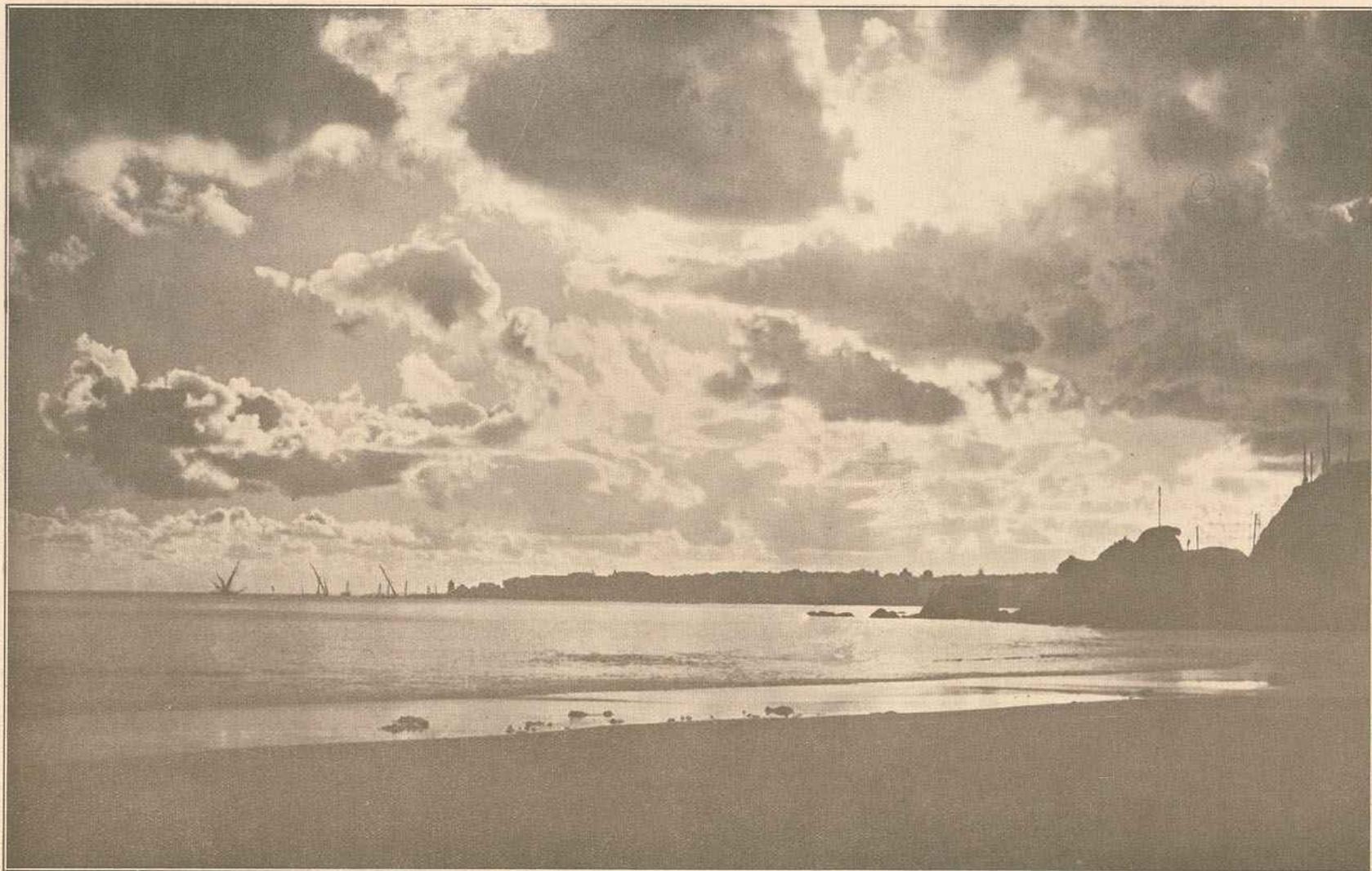
ASPECTO EXTERIOR, SALAS E ALPENDRE



EM 1893, NO TEMPO EM QUE PARA TÓDAS AS CASAS DE CAMPO SE IA BUSCAR INSPIRAÇÃO AOS «CHALETs» DA SUIÇA OU DA FRANÇA, E QUANDO AINDA SE NÃO FALAVA NESTE PAÍS EM CASAS À ANTIGA PORTUGUESA, UM FIDALGO ILUSTRE — O FALECIDO SR. CONDE DE ARNOSO — DELINEOU ESTA INTERESSANTE CASA, NOTAVEL PELO ESPÍRITO INÉDITO, NACIONALISTA, DO PROJECTO E PELA GRAÇA DE SEUS PORMENORES. A CASA ASSENTA NUM BASTIÃO À BEIRA DO MAR E DO SEU ALPENDRE AVISTA-SE TODO O MOVIMENTO MARÍTIMO DA BARRA DE LISBOA. ENRIQUECE ESTA VARANDA RICA DECORAÇÃO DE AZULEJO QUE REPRESENTA BARCOS DE PESCA DA REGIÃO, PARA À QUAL O SENHOR D. CARLOS DE BRAGANÇA DEU O DESENHO

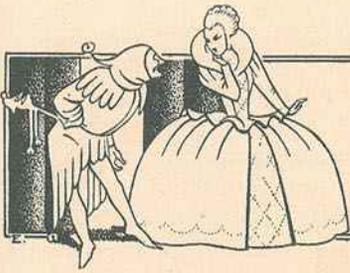


PORTUGAL—ARTE E PAISAGEM

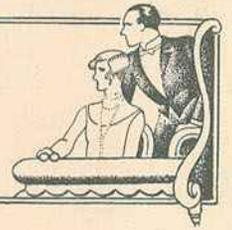


CREPUSCULO NOS ESTORIS

(Cliché de Horácio Novais)



Teatro



OS NOSSOS ARTISTAS

(DESENHOS DE ROBERTO NOBRE)

LUCILIA SIMÕES

Ficou-me de Lucilia, do encanto dos seus primeiros triunfos no palco, uma impressão deliciosa de elegância e de *gami-nerie*, que não me passa nem nunca se desvaneceu nem mesmo ao vê-la representar, depois, com mais segurança e mais calma, já ensinada pela experiência.

Era mesmo difícil esquecer a graça das suas atitudes, que tinham algo do colear da serpente.

Lembram-se vocês, rapazes dêsse tempo, daquela rapariguinha alta, fransina, tôda nervos, que ali no S. Luís — o D. Amelia

ceifa de preferencia na seara dourada das nossas ilusões, e é isso o que dóe, não é verdade, Lucilia-Francillon, Lucilia-Magda, Lucilia-Proteu?

Tantas almas incarnaste e em tôdas elas deixáste um pedacinho da tua, e em tôdas elas aprendeste a vida. Mas, afinal, é a tua propria alma que melhor sabe amar e sofrer...

ERICO BRAGA

O mais aristocrático dos nossos artistas. Um porte fidalgo, sem altivez e cheio de *charme*.

Naturalmente elegante e fino, mais sobresaí ainda a sua distinção, pelo seu bom gosto na maneira de trajar, onde há muito daquêlê à vontade, cunho da verdadeira elegância, que distinguia *Le Bargy*, o actor francês que estarecia as plateias com a sua maravilhosa colecção de gravatas raras e coletes preciosos.

Educado na escola de Rosas e Brazão, Erico trouxe para o teatro moderno os ensinamentos que nela colheu e que são ali-

cerces seguros e fortes para sôbre êles construir todos os arrojões e ousadias da dramaturgia de hoje.

Em qualquer modalidade da Arte, os bons princípios são indispensaveis para o êxito de tôda a obra.

É por isso que Erico é um actor modernissimo, dispondo de tôda a experiência dos antigos processos que, afinal, são de todos os tempos, quando se sabem usar a propósito.

Erico leva a sua consciéncia de actor até sacrificar a sua bela presença, para nos dar os tipos requeridos pelos autores, como no *Homem das 5 horas*, em que êle levou a



de então — entontecia a plateia, nas scenas de amor, onde ela punha caricias de mulher e sorrisos de garota?

Se lembram... E com que saudade! Saudade dêsse tempo, em que a Arte era um sacerdocio, um templo onde pontificavam o Brazão, os Rosas, a Rosa Damasceno, a Virginia, a Lucinda, nossa senhora — e mestra.

Saudades da vossa mocidade, da minha, da sua, embora Lucilia esteja ainda cheia de vida e com a mesma alma, a mesma energia dos seus vinte anos.

Mas o tempo é cruel, leva-nos sempre alguma coisa do nosso tesouro de juventude.

E se fôsse só nos encantos físicos que êle nos roubasse, bem nos iria, ainda assim.

Mas é que, mais do que nêsse campo, êle

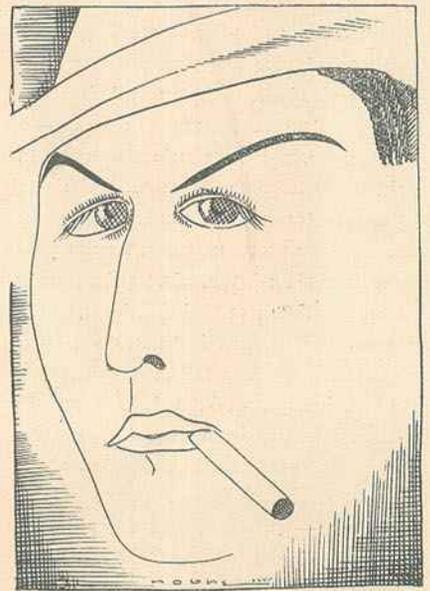
O nosso próximo número será o
NÚMERO DE NATAL
e numa maravilhosa parada de primeiros gráficos apresentará colaboração escolhida e inédita de

AFONSO LOPES VIEIRA
AFRÂNIO PRIXOTO
AGOSTINHO DE CAMPOS
ÁLVARO MAIA
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
ANTERO DE FIGUEIREDO
ANTÔNIO CORRÊA DE OLIVEIRA
AQUILINO RIBEIRO
BRIJO CAMACHO
CÉSAR DE FRIAS
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA
JAIME DE BALSEMÃO
JÚLIO DANTAS
MANUEL DE SOUSA PINTO
ROGÉRIO GARCIA PEREZ
SOUSA COSTA
VÍTORINO NEMÉSIO
etc., etc., etc.,

ilustrada pelos nossos melhores artistas pintores e decoradores.

LUXUOSA APRESENTAÇÃO
GRÁFICA

Soberbas páginas de grande arte
Sai a 20 de Dezembro



abnegação a ponto de, ao sacrificio da sua elegância e da sua mocidade, juntar o da sua voz insinuante, que êle transformou numa voz monocórdia, de um timbre insuportavel.

Numa época em que os velhos querem ser novos e os feios lutam pela conquista da beleza artificial, o procedimento de Erico tem qualquer coisa de heróico.

O illustre actor-empresário parece ter nascido num fole, como diz o vulgo, porque, além de tôdas as armas com que a natureza o dotou para vencer na vida, ainda teve a dita de unir o seu destino ao de Lucilia Simões, expoente notável de uma dinastia gloriosa.

MERCEDES BLASCO.

M U S I C A

ORQUESTRAS SINFÓNICAS

Basta cerrar um pouco os olhos, — e na penumbra luminosa da imaginação desenha-se, ao primeiro apêlo, a sombria e espaiada família orquestral... É qualquer coisa de imponente, e ao mesmo tempo, dominadora e delicada, — um maquinismo de relógio, ou um cérebro com as suas circumvoluções determinadas. Está ali reunida toda a qualidade de instrumentos, desde o rei-violino até à caixa de rufo. A bela gama de cordas vibradas, — instrumento de arco, — que se iniciam no suporte do edifício orquestral, o contra-baixo, passa pelo contralto rico e quente do violoncelo, a nostalgia um pouco abafada da violeta (ou alto), e acaba com a clara e perfeita voz do violino, respondem os grupos de instrumentos de sopro, desde o profundíssimo contra-fagote até à pequena flauta que só vive nos píncaros da sonoridade, e variando de timbres ao infinito, conforme a estrutura interna e externa, — o oboé fanhoso, a trompa nobre, o trompete estridente, o trombone possante, o clarinete suave, e tantos outros!... Instrumentos que não pertencem nem a uma nem a outra categoria, há ainda a harpa, aérea quasi sempre e sempre distinta; os tímbalos, importantíssimo auxiliar, embora instrumento de percussão, em que o bom artista se evidencia e se torna indispensável; toda a percussão mais rudimentar, bombo, pratos, tambor, triângulo, e, para as caracterizações, sinos, pandeiretas, castanholas — e guizos até, se for preciso. — (O piano, que é ao mesmo tempo de corda e de percussão, pois que nele faz-se vibrar a corda *percutindo* uma tecla, móvel musical mais ou menos massacrado em milhares e milhares de lares, onde se instalou despoticamente, estava banido da orquestra, a bem dizer, de momento que não fosse considerado instrumento solista, — *concerto* de piano acompanhado pela orquestra, — mas os compositores modernos temem que, de vez em quando, juntar o seu timbre aos outros timbres orquestrais).

Pois é este conjunto de elementos que vem formar uma entidade indivisível, em que tudo tem o seu lugar certo, a sua disciplina individual e colectiva. Essas dezenas, — quasi uma centena, — de instrumentos reunidos

formam um instrumento só, em que o regente, — o chefe, a alma do conjunto, — *toca* por meio da sua varinha de condão: a sua batuta. Assim, compreende-se bem que a arte do chefe de orquestra não exige só uma bela intuição, uma sciência técnica e intelectual desenvolvida, sensibilidade, e condições físicas de a transmitir; exige um cérebro privilegiado, capaz de trabalho mental tão arvezado e minucioso como matemáticas puxadas ou alta engenharia.

Nos tempos do grande Cláudio Monteverdi (fim do século XVI, primeira metade do século XVII), já era grande a variedade de instrumentos, — mas Roma não se fez num dia, e bem importantes eram as inovações das chamadas escolas Florentina e Veneziana, e, provavelmente como consequência dessas inovações, que reagiam em parte contra o complicado requinte polifónico vocal a que tinha chegado a escola Neerlandesa. Pelo que se pode averiguar dos poucos manuscritos das obras de Monteverdi, conservados até hoje, o unísono duma grande quantidade de instrumentos diferentes era processo corrente. Hoje, quem vê a partitura do «D. Quixote», de Ricardo Strauss, por exemplo, ou do «Pássaro de fogo», ou de «Petrouchka», de Stravinsky, fica pasmado, não da inovação instrumental, — nesse ponto o maior inovador foi Wagner, e fica a sua composição da orquestra como a mais completa e poderosa, (quando não lhe suprimem partes!) — mas pelos pormenores, a combinação de timbres, a incrível minuciosidade de escrita!... Mesmo, não é necessário *vêr-se* a partitura; só o *ouvir* bem, toda a atenção concentrada no que se ouve, basta para que se perceba a complicação inaudita da orquestração, sem que, no entanto, a impressão de conjunto seja menos vincada, — pelo contrário!

É fácil que uma boa execução sinfónica, quero dizer, vibrante, embora com alguns defeitos, desperte no público a sensação do sobrenatural, muito mais do que uma manifestação de arte plástica.

Como afirmação do poder da colectividade, também uma orquestra sinfónica poderia ser um exemplo elevado, pois nela todos que a

compõem dependem uns dos outros, sob uma chefia onnipotente, e sem que, contudo, cada um perca algo da sua individualidade. O caso é que se existem num mesmo meio duas orquestras sinfónicas, acontece que se consideram reciprocamente rivais, e enquanto a rivalidade é apenas um estímulo para trabalhar mais e melhor, é só proveito; o pior é que é mais fácil degenerar em inimizade, e em vez de guerra de homem contra homem, temos guerra de partido contra partido, que é pior ainda. A pesar dos seus defeitos de ordem estética, preferimos a camaradagem de Pierné e Chevillard, durante a grande guerra. O caso é o seguinte:

Nesse triste transe, das orquestras Colonne, regida por Pierné, e Lamoureux, regida por Chevillard, ficavam apenas destroços, que mal davam para uma orquestra só, e na sala «Gaveau», que não é de grandes dimensões. Cada um desses senhores assumia então a regência do concerto dominical, alternando de semana a semana. E os executantes passavam dócilmente da distinção sóbria de Pierné à força maciça e sanguínea de Chevillard...

Um pormenor, — se é que não o parece, — interessa, em geral, vivamente, o público, e especialmente, os «dilettanti», os «conhecedores»: a figura, a gesticulação do chefe de orquestra, e o modo como dispõe ante si os seus elementos. Nos artistas nacionais, já não há que discutir, e discute-se, então, nos que veem de fora. E decerto qualquer tem o direito de conversar e trocar impressões, mas não deve atribuir importância primordial ao que a não tem, porque arrisca-se a deslocar e amesquinhar o problema artístico.

Disposições dos elementos orquestrais são várias, que tem cada uma a sua vantagem; há-de vir tempo, ou veio já, em que o mesmo regente mudará a disposição, conforme o programa; gesticulação é uma curiosa manifestação do temperamento, — quando não é exigida pela indolência dos executantes, — mas não é sintoma de mais ou menos valor. O mesmo com certos outros aspectos género «pose». Debussy, que se exasperava contra a atitude e a madeixa de Nikich, não deixava de o admirar como chefe de orquestra e quanto a figura, — Beethoven, que era quasi grotesco, é e ficou, porém, simplesmente sublime.

O que interessa, é capacidade mental, conhecimentos técnicos, poder emotivo e evocativo. E para os perceber, bastam os ouvidos, que estão em contacto directo com o coração.

FRANCINE BENOIT.

VIDA CIENTÍFICA

TOTEMISMO



Antigos mastros totêmicos do Canadá

Os governos do Canadá tem procurado conservar, quanto possível, a documentação da vida que se levava naquelas regiões, em épocas anteriores à nossa. Reservaram uma grande extensão de terreno para formar um imenso parque onde há trechos de florestas virgens e onde se criam em liberdade espécies de animais que o prazer da caça e interesses industriais ameaçavam extinguir. Por outro lado, cuidam da conservação dos mastros totêmicos, aqueles compridos troncos erectos nas aldeias indígenas, suportando figuras de animais ou arremêdos de figuras humanas e constituindo apanágio de uma tribo, de uma família ou de um indivíduo apenas. Sem a protecção dos governos, essas relíquias teriam desaparecido, umas vendidas a ricos colecionadores, outras destruídas pela acção do tempo.

Os tótemes não são ídolos ou nem sem-

tótemes, cujas figuras lembravam as origens duma família ou duma tribo ou façanhas realizadas por algum antepassado. Sómente, porque nesses povos de civilização primitiva se não distinguiam os fenómenos da vida social dos referentes à vida individual do espírito, eles prestam ao tótem uma veneração de carácter religioso que os nossos escudos de armas não alcançaram.

Em volta de cada tótem formaram-se lendas. Por exemplo, o da aldeia de Kitwanga é uma grande rã, colocada sobre um mastro de cinco metros de altura, e em relação a êle se criou a tradição seguinte:

Nigamo, linda rapariga, filha de Longo Braço, o chefe da tribo, tinha repellido todos os jovens guerreiros que pretenderam desposá-la. Nigamo passava os seus ócios remando num lago, quando, em certo dia, a piroga de casca se voltou, precipitando a princesa nas águas. Aí uma enorme rã apoderou-se dela e desposou-a.

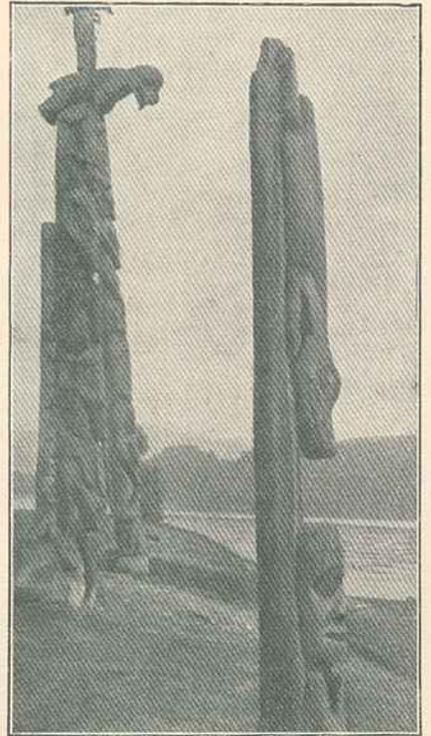
Longo Braço procurou a filha por toda a parte. Não a encontrando, resignado, por fim, com a fatalidade, convidou o povo a uma festa tradicional em que se distribuíram presentes aos convidados. Sucedeu então que apareceram nessa festa duas pequenas rãs pedindo que lhes dessem uma daquelas agulhas de osso que usam as mulheres índias para coser os seus vestidos de peles.

O pedido foi satisfeito, mas intrigou

pre o são. Um escritor define-os como sendo imagens a que se prestavam simultaneamente uma veneração quasi religiosa e um culto de tradições ancestrais.

Toda a tribo se reuniu para o esvasiar, e viu-se, por fim, no seu leito lodoso, a princesa Nigamo, a rã seu marido e as pequenas rãs resultantes desse consórcio. A princesa voltou para o palácio e a rã gigantesca foi considerada o tótem da tribo.

Outras lendas dizem respeito a ursos, fochas, balceias, salmões, etc., lendas que a imaginação dos índios tecia em torno das ima-

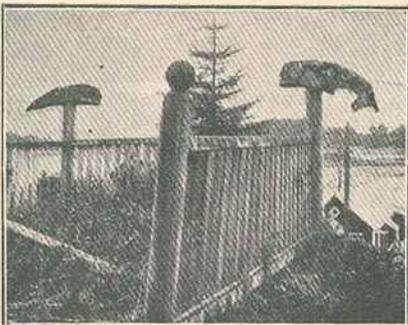


Tótem da grande Rã em Kitwanga

gens escolhidas para tótemes por motivos que desconhecemos. Praticamente eles constituíam como que a bandeira da tribo e o sinal de reconhecimento para indivíduos da mesma tribo. O viajante cujo tótem era, por exemplo, o urso, sabia que era recebido como um amigo ou como um parente na pouxada em cujo mastro totémico encontrava a imagem do urso.

Em alguns casos o tótem dava, mesmo, o nome à tribo.

F. MIRA.



Túmulo dum chefe indio rodeado de tótemes



ATLANTIDA

ROMANCE

(Romance votado no concurso do Magazine Bertrand e publicado nas nossas páginas por acôrdo com aquela revista) **de PIERRE BENOIT**
 ILUSTRAÇÕES DE ROBERTO NOBRE

Aí, a cem quilómetros, apenas, de Argel, acaba o caminho de ferro. Em linha recta só se encontra outro no Cabo. A diligência viaja de noite, por causa do calor. Nas subidas punha-me a pé, apeava-me, para beber nessa atmosfera nova o beijo precursor do deserto. A meia noite, parámos para fazer a muda, no Campo dos Zuavos, pequeno pósto na estrada em atêrro, que domina no cimo de um vale sêco, donde subiam perfumes inebriantes de rododendros. Estava lá um grupo de *joyeux* e de condenados, que uma força de atiradores conduzia para os montes de pedras do Sul. Aqueles hóspedes dos cárceres de Argel e de Douéra, de uniforme, já se vê, desarmados; êstes, em traje civil — que civil — moços pervertidos, escumalha de França.

Foram-se embora adiante de nós, mas a diligência foi apanhá-los. Vi ao longe a bicha negra da caravana, destacando-se num golpe de luar, sôbre a estrada amarela. Depois ouvi uma melopeia surda: os miseráveis cantavam. Um, de voz triste e gutural, entoava uma copla ignóbil, que ia bater e arrostar-e pelas ravinas.

«E de cada vez os outros entoavam em côro, êste rifão:

*À la Bastille, à la Bastille
 On aime bien, on aime bien
 Nini Peau d'Chien;
 Elle est si belle et si gentille
 À la Bastille.*

«Vi-os junto de mim quando a diligência passou. Infundiam pavor: os olhos brilhavam-lhe sombriamente nas caras lívidas e rapadas. A poeira abrasadora estrangulava-lhe as vozes roucas. Apoderou-se de mim uma tristeza terrível.

«Quando o pesadêlo se perdeu lá para trás, voltei a mim.

— Vamos para mais longe, para mais longe, — exclamei — lá para o Sul, onde não cheguem as fezes da civilização.

«Quando alguma vez me sinto cansado,

quando tenho um instante de desalento e me dá vontade de sentar-me, a meio do caminho que escolhi, lembro-me dos condenados de Berronaghia, e já não penso senão em partir de novo.

«Mas que prazer quando me encontro num desses lugares onde os pobres animais não pensam em fugir, porque nunca viram homens!

Quando o deserto se estende em volta, tão imenso que podia o velho mundo desabar sem que uma só prega das dunas nem uma nêvem no céu branco mo revelasse!

— É verdade! — murmurei. — Também uma vez, em pleno deserto, no Tidi-Kelt, eu senti isso...

Até ali tinha-o eu deixado entregar-se à sua exaltação, sem o interromper. Foi já tarde que compreendi ter feito mal, interpondo esta frase infeliz.

Ele tornou a soltar o seu risinho nervoso.

«Ah! realmente, no Tidi-Kelt? Meu caro, aconselho-te no interêsse da tua boa reputação que, se não queres cair no ridículo, cortes êsse género de recordações. Sabes? Fazes-me lembrar Fromentin, ou aquele pobre Maupassant, que se pôs a falar do deserto só porque tinha ido a Djelfa, que fica a dois dias da rua Bah-Azoun e da Praça do Governo, e a quatro da Avenida da Ópera; — e que, por ter visto um camelo magro ao pé de Bou-Sâada, logo se imaginou em pleno Sahará,

no antigo caminho das caravanas... O Tidi-Kelt, o deserto!

— Parece-me, no entanto, que In-Salah... — redargui, um pouco vexado.

— In-Salah? O Tidi-Kelt!... Mas, meu amigo, a última vez que lá passei, vi tantas latas de sardinhas vazias e jornais velhos no chão, como ao domingo no bosque de Vincennes.

Tamanha vontade de contradizer-me e fazer pouco, fizeram-me saír fora de mim:

— É evidente — respondi com azedume — que não fui até... Parei; mas era já tarde. Santo-Avito olhou-me bem de frente:

— Até onde? — perguntou serenamente.

— Não respondi.

— Até onde? — tornou êle.

E como eu permanecesse silencioso:

— Até o Ved Tarhit, não é isso?

Era na margem este do Ued Tarhit, a cento e vinte quilómetros de Timissao, a 23° 5' de latitude Norte, que o relatório oficial diziam estar enterrado o capitão Morhange.

— André, — exclamei desastradamente — juro-te...

— O que é que tu me juras?

— Que não tive intenção...

— De falar no Ued Tarhit? Porquê? Porque se não há de falar diante de mim do Ued Tarhit?

E perante o meu silêncio cheio de súplicas, encolheu os ombros:



— Idiota! — disse apenas.

E foi-se embora sem que eu pensasse, sequer, em pedir-lhe explicações.

A minha humildade não o acalmou. E a maneira como êle mo demonstrou no dia seguinte foi de bem mau gosto.

Acabava eu de sair da cama quando êle me entrou no quarto.

— Podes explicar-me o que isto quer dizer? — perguntou.

Trazia na mão um dos registos administrativos. Nas suas crises de nervosismo punha-se a esquadrihá-los com esperança de encontrar pretexto para se mostrar militarmente insuportável. Desta vez o acaso servia-o à maravilha.

Abriu o registo. Córei violentamente, dando com uma prova duma fotografia bem minha conhecida.

— Que é isto? — tornou êle a perguntar desdenhosamente.

Muitas vezes tinha eu dado com Santo-Avito no meu quarto a examinar embirrantemente o retrato de Mademoiselle de C..., para que não estivesse bem certo neste momento, da má fé com que êle vinha implicar comigo. Todavia, contive-me e fui guardar a prova numa gaveta. Mas não era isso que êle queria.

— Daqui por diante, peço-te que tenhas o cuidado de não deixares as tuas recordações galantes entre os papeis da administração.

E acrescentou com um dos sorrisos mais insultantes:

— É preciso não dar motivos de excitação a Gourrut.

— André, — disse-lhe eu, lívido — ordena-te...

Mas êle endireitou-se a tôda a altura:

— O quê?... É uma transacção: Eu autorizei-te a falares do Ved Tarhit, não é verdade? Creio que tenho o direito...

— André!

Pôs-se a olhar de modo escarminho para o retrato que estava na parede e de que eu escondera a prova, para a não ver assistir a esta scena.

— Ora bem: não te zangues. Mas aqui entre nós, há de concordar que ela é magra demais.

E antes que eu lhe pudesse responder-lhe, desapareceu, cantando o vergonhoso côro da véspera:

A la Bastille, à la Bastille...

Três dias não nos falámos. Era indizível a minha desesperação. Tinha eu alguma responsabilidade dos avatares dêle? Tinha acaso culpa que em duas frases minhas sempre uma parecesse fazer alusão?...
«Esta situação é intolerável e não pode prolongar-se!» — disse eu comigo.

Mas não devia durar muito. Uma semana depois da scena da fotografia, chegou o correio. Deitei os olhos ao sumário da revista alemã da «Zeitsehrift», de que já falei, e dei um pulo de admiração: Acabára de ler:

Reise und Entdeckungen zwei französischer Offiziere, Rittmeisters Morhange und Oberleutnant de Saint-Avito, im Westlichen Sahara.

(Viagem e descobrimentos de dois officiaes francezes, o capitão Morhange e o tenente Santo-Avito, no Sahará occidental).

Ao mesmo tempo ouvi-o perguntar: — Há alguma coisa interessante nêsse número?

— Não — respondi com indiferença.

— Deixa-me lá ver.

Obedeci. Que outra coisa podia eu fazer?

Creio que o vi empalidecer ao ler o sumário. Mas foi no tom mais natural que me disse:

— Empréstas-me isto, não é verdade?

E safu, deitando-me um olhar de desafio.

O dia passou lentamente. Só à tarde tornei a ver Santo-Avito. Estava alegre, excessivamente alegre, de uma alegria que me incomodou. Depois de jantar fomos para a varanda do terraço. Avistava-se dali o deserto que a escuridão começava a envolver do lado do Oriente.

André foi o primeiro a falar:

— A propósito, já lá fui pôr a tua revista. Com effeito, não tem nada de curioso.

E parecia divertir-se imensamente:

— Que tens tu? Mas que tens tu?

— Nada — respondi eu com a garganta apertada.

— Nada? Queres que te eu diga o que tens?

Olhei para êle com um olhar suplicante. Levantou os ombros.

— Idiota! — devia querer dizer também agora.

A noite caía rapidamente. Só a margem sul do Ded Mia estava ainda amarela. Nas ruínas, um chagal pequenino rebolou de repente com um grito de aflição.

— O *dib* está a chorar sem motivo. Mau sinal — disse Santo-Avito. E tornou implacavelmente:

— Não queres então falar?

Fiz um esforço enorme para proferir esta frase deplorável:

— Que dia esmagador! Que noite tão pesada! Tão pesada!... Nem a gente se sente; nem a gente sabe...

— Sim, disse a voz longínqua de Santo-Avito. Uma noite pesada, pesada, tão pesada, sabes? como aquela em que eu matei o capitão Morhange.

CAPÍTULO III

A MISSÃO MORHANGE-SANTO-AVITO

— Matei, como eu disse, o capitão Morhange — dizia-me André de Santo-Avito no dia seguinte, à mesma hora, no mesmo sítio, serenamente, sem fazer caso da noite pavorosa que eu passara. — Porque foi que eu to disse? Nem eu sei. Talvez por causa do deserto... És tu, porventura, homem capaz de suportar o peso de uma tal confiança, e em seguida, se fôr preciso, aceitar-lhe as consequências? Também não sei. O futuro o dirá. Por agora só há uma coisa certa: é que eu matei o capitão Morhange. Matei-o. E, visto desejares que precise a ocasião em que o fiz, bem deves supor que não vou fazer os miolos em água, para te arranjar um romance, nem começar por te dizer, para seguir a tradição naturalista, de que pano foram feitos os meus primeiros calções; ou, como querem os neo-católicos, se eu me confessava em pequeno e o prazer que isso me dava. Não gosto nada de exhibições inúteis; e por isso terás por bem que eu principie na época em que travei conhecimento com Morhange.

«Sem embaraço do mal que resultou para a minha tranquilidade e reputação, não de-



ploro tê-lo conhecido. Mesmo sem falar na boa camaradagem, foi acto da maior ingratidão assassiná-lo. E aos seus conhecimentos das inscrições Rupestres que eu devo a causa pela qual, unicamente, a minha vida terá sido mais interessante que as miseráveis vidas que arrastam os meus compatriotas, em Auxonne ou em qualquer outra parte.

«Aqui está o que sucedeu.

«A primeira vez que ouvi falar em Morhange, foi no posto árabe de Ougla, onde eu estava, como tenente. E devo acrescentar que foi para mim ocasião de um grande acesso de mau humor. A época era agitada. A hostilidade do sultão de Marrocos estava latente. Essa Magestade dava apoio às manigâncias dos nossos inimigos no Tuat, onde se haviam já preparado os assassinios de Flatters e de Frescaly. Era o Tuat o centro das conspirações, dos gazivas, das rebeliões

eram e são ainda os Senussis, cujo chefe espiritual foi obrigado por nossas armas a mudar a sede da confraria para umas mil léguas dali, para Schimmedrou, no Tibesti. Houve a ideia—digo «houve» por modéstia—de ir verificar os vestígios que estes agitadores haviam deixado em seus percursos favoritos: Rhât, Temassinin, a planície de Adjemor e In-Salah. Era como vês, pelo menos a partir de Temassinin sensivelmente o itinerário que seguira Gerardo Rohlfs em 1864.

«Eu tinha já adquirido alguma notoriedade por dois passeios, um em Agades, a Bilma, e passava por ser um dos oficiais dos postos que melhor conheciam o problema dos Senussis. Pediram-me que tomasse êsse novo encargo.

«Fiz notar que seria bom aproveitar a ocasião para observar o Hoggar setentrional, a

«Estava tudo pronto para eu partir. Tudo, era pouca coisa: Três dromedários: o meu, o de um companheiro, Bou-Djema—um fiel Chaamba, que já tinha ido comigo ao Air, não tanto guia, nas regiões que conheço, como máquina de aparelhar e desaparelhar os animais—e outro para levar mantimentos e água potável.

«Há quem parta para estas viagens com cem soldados e até artilharia. Eu faço como os Douls e os René's Caillié: vou sózinho. Estava eu já só preso por um fio ao mundo civilizado, quando chegou a Onargla um telegrama do ministro:

«Ordem para que o tenente de Santo-Avito não parta sem que tenha chegado o capitão Morhange, que deve acompanhá-lo na sua viagem de exploração.»

«Mais nada. Fiquei imensamente contrariado. Só eu tivera a ideia daquela excursão. Encontrára mil dificuldades para a fazer aceitar pelos superiores. E quando já me deliciava com as longas horas de solidão absoluta que ia passar em pleno deserto, mandavam-me para ir comigo um desconhecido, e de mais a mais um superior!

«Os sentimentos que me davam os camaradas, decuplicaram-me o meu humor.

«O Anuário, logo consultado, dera-lhes as seguintes informações:

«Morhange (João Maria Francisco) promoção de 1881. Diplomado. Capitão fora dos quadros (serviço geográfico do exército).»

—Ora aqui está a explicação—disse um deles.—É um protegido que te mandam para tirar a sardinha da braza com a mão do gato. Diplomado! Há-de servir-lhe isso de muito, cá por êstes sítios!

—Não sou inteiramente da sua opinião—disse o comandante.—Lá no parlamento conseguiram saber—infelizmente há sempre indiscreções—que o verdadeiro fim desta missão de Santo-Avito era obrigá-los a ocupar o Tuat. Este Morhange há de ser criatura da Comissão do Exército. Bem sabem que toda essa gente, ministros, parlamentares, governadores, se espreitam uns aos outros. Ainda se há de escrever uma história paradoxal da expansão colonial francesa, em que se mostre que esta se fez sempre sem os governos darem por isso ou contra vontade deles.

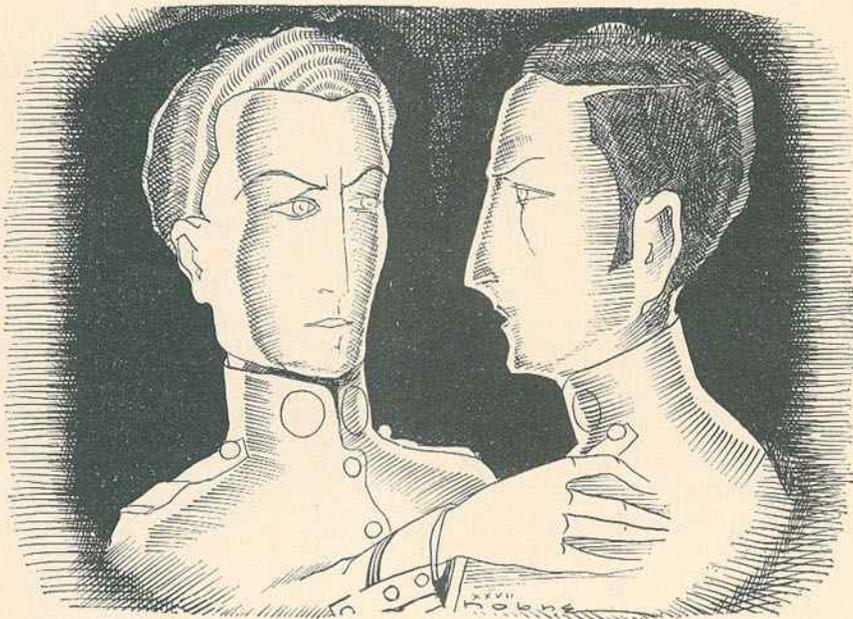
—De uma forma ou de outra, o resultado será o mesmo—disse eu amargamente—vamos ser dois franceses a espiar-se dia e noite, pelos caminhos do Sul. Risonha perspectiva, quando toda a atenção é pouca para frustrar as brincadeiras dos indígenas! Quando chegará êsse senhor?

—Deve chegar depois de amanhã. Anunciam-me de Gardaia uma coluna. É natural que êle a aproveite. Tudo indica que não é pessoa para viajar sózinha.

* * *

O capitão Morhange chegou, de facto, dois dias depois. Para mostrar a maior frieza e indiferença pela sua chegada, havia-me eu recolhido no meu quarto. Mas a primeira coisa que o capitão fez ao chegar foi pedir que o levassem junto de mim: e ao vê-lo entrar, reconheci imediatamente, com pesar, que não era pessoa que eu pudesse conservar muito tempo a distância.

(Continua)



e o lugar de abastecimentos das tribus nômadas. Os governadores da Argélia, Tirman, Cambon, Laferrière, reclamavam a sua ocupação. Os ministros da guerra, tácitamente, eram do mesmo pavor... Mas havia o parlamento que se não decidia, por causa da Inglaterra, da Alemanha, sobretudo por causa de certa Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que reconhece que a insurreição é o mais sagrado dos deveres, mesmo quando os insurrectos são selvagens que nos cortam a cabeça, com toda a perfeição. Enfim, a autoridade militar tinha de limitar-se a aumentar discretamente as guarnições do Sul, a criar novos postos: êste, os de Berresof e Hassi-el-Mia, o forte MacMahon, o forte Lallemant, o forte Miribel... Mas, como diz Castries, «não é com postos que se dominam os nômadas, é pela barreira». A barreira eram os oásis de Tuat. Tornava-se indispensável convencer os senhores advogados de Paris de que era absolutamente imprescindível apoderarmo-nos desses oásis. O melhor era apresentar-lhes um quadro fiel das conspirações que ali se forjavam contra nós.

«Os principais autores dessas conspirações

eram e são ainda os Tuaregues de Ahitar-gen ainda tinham com os Senussis relações tão cordiais como na época em que se combinaram com êles para a matança da missão Flatters. Acharam-me razão. A modificação a introduzir no meu primitivo itinerário era esta: uma vez chegado a Ighelashem, a seiscentos quilómetros ao sul de Temassinin, em vez de ir directamente ao Tuat pelo caminho Rhât a In-Salah, eu devia, metendo-me entre os macissos de Monydir e do Roggar, tomar para sudoeste, até Shikh-Salah. Voltaria então para o Norte, dirigindo-me a In-Salah, pelo caminho do Sudão e de Agadès. Eram perto de oitocentos quilómetros, apenas, a mais, em viagem de cerca de setecentas léguas, mas com a certeza de exercer uma vigilância rigorosa sobre os caminhos que seguiam os nossos inimigos, os Senussis do Tibesti e os Tuaregues do Hoggar, para se dirigirem ao Tuat. E eu aproveitava a ocasião—todo o explorador tem o seu violino de Ingres—para examinar, ainda que de passagem, a constituição geológica deste planalto de Eguéré, a respeito do qual Duveyrier e os mais são tão desesperadamente lacônicos.



Passatempo

O CÉLEBRE LABIRINTO DE HATFIELD



É um dos labirintos mais engenhosamente traçados, que se conhece. Os traços escuros são paredes altas, de verdura; os brancos são as ruas do labirinto. Mesmo no centro, ergue-se altivo e solitário um carvalho frondosíssimo. Tem duas entradas: uma N, voltada ao norte; outra S, aberta para o sul. Conforme se entra por uma ou por outra, assim é diverso, embora igualmente complicado, o caminho a percorrer, para chegar ao centro. Na planta, que apresentamos, é relativamente fácil encontrar qualquer dos caminhos; mas no labirinto verdadeiro ninguém se pode arriscar sem auxílio de guia. Quem, a partir do centro, quizesse sair desacompanhado, corria o perigo de andar léguas, sem atinar com a saída.



Um maquinista estava sendo testemunha num caso em que um lavrador procurava receber indenizações da Companhia de Caminhos de Ferro pela perda da sua vaca, que fôra morta por um comboio. O advogado do lavrador estava interrogando o maquinista e, de vez em quando, voltava à sua pergunta favorita: —Vamos lá a saber, a vaca estava na linha? Até que, por fim, o maquinista não pôde suportar mais e respondeu azedamente: —Pois bem, se quer saber a verdade, a vaca estava a tomar banho no regato do lado de lá da linha. Mas quando a locomotiva a viu, saltou dos rails, precipitou-se pela ribanceira e parando em cima dela, estrangulou-a e matou-a.

TRABALHO ARDUO

O juiz:—O senhor então confessa ter feito dinheiro falso?
O prisioneiro:—Sim, sr. juiz. Bem vê, o abastecimento do artigo genuíno é tão limitado, que uma pessoa alguma coisa há de fazer nestes tempos difíceis, para ganhar a sua vida honradamente.

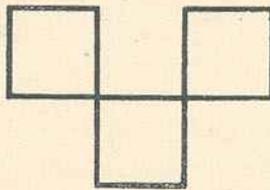


O polícia (depois de ter posto fim a uma briga entre dois marinheiros estrangeiros): —Vamos lá a saber, onde é que mora?
O chinês:—Shangai.
O polícia (ao segundo marinheiro):—E você?
O inglês:—Liverpool.
O polícia:—Hum!... o melhor que teeu a fazer é irem ambos para suas casas e metem-se na cama.



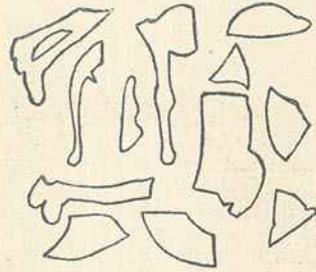
OS CINCO QUADRADOS

(Solução)



O PESA-PAPEIS PARTIDO

(Problema)



São estes os fragmentos de uma pequena escultura representando um animal muito conhecido e que estava servindo de pesa-papeis, até ao dia em que, por desastre, caiu ao chão e ficou assim feita em bocados. Haverá agora alguém que seja capaz de concertar, fazendo com que volte a ser a imagem fiel do irracional que dantes era? Para o caso em que haja quem tenha essa habilidade, aí vão os pedaços.



PRONTA A SER AGRADÁVEL

Hospeda, (recem-chegada ao hotel):—Estes lençóis não estão húmidos?
Criada:—Não, minha senhora, mas podem-se borrfifar se a senhora deseja.



Primeiro convidado:—Decerto, eu apresentava-o da melhor vontade, mas não há meio de me lembrar do nome dela.
Segundo convidado:—O apelido é Menezes.
Primeiro convidado:—Então, venha lá. A propósito, e qual é o seu?

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTRADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM OUTUBRO DE 1927

LITERATURA

BEHOT (PIERRE) — *A Calçada dos Gigantes*. Romance. Trad. portuguesa de J. Preto Pacheco. 290 p. 8.º c. capa il. — 10\$00.
 BOAVENTURA (MANUEL) — *Contos do Minho*. (Vida rural). — 10\$00.
 CASTRO (A.) — *Sonetos da dor e da saudade*. 40 p.
 CASTRO (A.) — *Sonetos de Amor*. 76 p.
 CERQUEIRA MAGRO — *Fonte de Juvêncio*. Romance e História. Notas sobre a vida, o túmulo, a ascendência e descendência de Egas Moniz. 342 p. 8.º — 10\$00.
 CONTRERA (A.) — *O coração dum anjo ou O triunfo do Amor* (Scenas do lar). Trad. de Nazareth Chagas. Vol.º I a IV, em 8.º — 16\$00.
 FIGUEIREDO (ADÃO DE) — *Curia — Flor da Bairrada* (Poemas regionais). 95 p. 8.º — 7\$50.
 JACOME CORREIA (MARQUÊS DE) — *Memórias. O romance dos meus amores*. 274 p. 8.º — 15\$00.
 LUIS (PIRE) — *Touros de Morte em Portugal*. Comentários taurinos. Des. de Martinez de Leon e de A. Duarte de Almeida. 143 p. 8.º c. capa il. — 8\$00.
 MATA (PEDRO) — *Um grilo na noite*. Romance. Trad. de Novais Teixeira. 506 p. 8.º c. capa il. — 10\$00.
 O'NEIL (MARIA) — *Os Contos da Mamã*. Il. de Santos Silva 3.ª ed. (Bib. para a Infância). 127 p. 8.º — 6\$00.
 QUEIRÓS (RÇA DE) — *O crime do Padre Amaro* (Scenas da vida devota). Edição inteiramente refundida, recomposta e diferente na forma e na acção da edição primitiva. Il. de Alberto de Sousa. 516 p. 8.º c. o retrato do A. — 22\$00.
 QUEIRÓS (RÇA DE) — *O Mandarim*. Il. de Raquel Roque Gameiro. 123 p. 8.º c. o retrato do A. — 12\$00.
 SALGARI (EMÍLIO) — *O Tesouro da Montanha Azul*. Romance de aventuras. Versão de A. Vitor Machado. 121 p. 8.º c. capa il. — 4\$00.
 SALGARI (EMÍLIO) — *A Vilória de Lepanto*. Romance de aventuras. Versão do italiano pelo dr. Carlos José de Menezes. 135 p. 8.º c. capa il. — 4\$00.
 SOUSA COSTA — *História d'El-rei Camelo*. Novela infantil. Il. de Emmérico H. Nunes (Biblioteca dos Pequenos. N.º 3) 69 p. — 5\$00.

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

ARAGÃO E MELO (FRANCISCO DE) — *A Conferência Luso-Belga*. O acordo de Loanda e a questão do M'Poso. 16 p. — 1\$50.
 AVEIRO (FR. PANTALEÃO DE) — *Itinerario da Terra Sancta e suas particularidades*. 7.ª ed. conforme a 1.ª, revista e pref. por António Baião. (Bib. de Escriitores Portugueses). Série B. 558 p. 8.º — 20\$00. Ed. especial — 35\$00.
 CABRAL (ANTÓNIO) — *Cartas d'El-Rei D. Carlos a José Luciano de Castro. Um grande Rei — Um notável estadista*. Memórias políticas. 299 p. 8.º — 12\$00.
 CARDOSO GONÇALVES (J.) — *O Missal Pontifical de Estevam Gonçalves Netto*. Subsídios para o estudo deste célebre códice iluminado do século XVII. 42 p. 8.º — 20\$00.
 CUNHA SARAIVA (JOSÉ DA) — *António Ribeiro Saraiva na Universidade. Com uma notícia genealógica sobre sua família*. 42 p. — 10\$00.
 FREIRE DE ANDRADE (CARLOS) — *Contribuições para o estudo geológico da região do Vale Grande*. 18 p. com estampas e mapas.

GLOVER (ENARO SANCHEZ) — *Leitfaden zum Besuche des Pena Schlosses in Sintra*. 47 p. 8.º c. grav. — 4\$00.
 MENDES CORRÊA (A. A.) — *Os Portugueses e a questão de Gizez*. 13 p.

SCIÊNCIAS E ARTES

AGUIAR (ASDRÚBAL ANTÓNIO DE) — *Evolução da pederastia e do lesbismo na Europa* (Contribuição para o estudo da inversão sexual). 292 p. 8.º c. grav.
 AGUIAR (ASDRÚBAL ANTÓNIO DE) — *Sciência Sexual* (Contribuição para o seu estudo — *Orgãos femininos da copulação*). 2.ª ed. 257 p. 8.º c. grav.
 AMZLAK (MOSES BENSARAT) — *Spinoza*. 29 p. c. o retrato de Spinoza na capa.
 BARROS (EUGÊNIO ESTANISLAU DE) — *Elementos de mecânica*. 4.ª ed. (Bib. de Instrução Profissional). 227 p. 8.º c. grav. — 20\$00.
 BETTECOURT (NICOLAU DE) — *Câmara Pestana*. 212-218 p. 8.º
 CARQUEJA (BENTO) — *A Sciência e a Indústria em nossas casas*. 2.ª ed. profusamente il. e ampliada. 238 p. 8.º c. capa il. — 10\$00.
 DÁMASO DAS NEVES (ANTERO) — *Manual Prático do Fotógrafo* (Bib. de Instrução Profissional). 203 p. 8.º — 20\$00.
 LIMA (ADOLFO) — *Melodologia* (Lições de —). 515 p. 8.º — 15\$00.
 PICCIOCCI (C.) — *Manual prático de vinificação e tratamento de vinhos* (Pequenas Fontes de Riqueza — XXV). 160 p. 8.º — 5\$00.
 SEQUEIRA (JOAQUIM JOSÉ DE) — *Manual prático do guarda-livros moderno*. Obra prática, clara, concisa e necessária aos chefes de escritório, guarda-livros... — 142 p. 8.º — 7\$50.

SCIÊNCIAS CIVIS

CATÁLOGO DE SELOS POSTAIS DE PORTUGAL E COLÓNIAS PARA 1928. XX.ª ed. de M. Myre, 76 p. c. grav. — 3\$50.
 CORRÊA DA SILVA (HENRIQUE) — *A questão do Porto da Beira*. 239 p. 8.º — 10\$00.
 ESTATUTO JUDICIÁRIO. Decreto n.º 13.809, de 22 de Junho de 1927. 291 p. 8.º — 16\$00.

POLIGRAFIA

AGENDA DO ANUÁRIO COMERCIAL DE PORTUGAL, para 1928. 22-405 p. 4.º — 22\$50.
 AGENDA PORTUGUESA. Para 1928. 372 p. 8.º — 8\$00.
 ALMANAQUE BERTRAND. Para 1928. 29.º ano, coordenado por Maria Fernandes Costa. 366 p. 8.º c. grav. e capa il. — 10\$00.
 ALMANAQUE DAS SENHORAS. Para 1928. 381 p. 8.º c. grav. — 5\$00.
 ANIMAES (OS) — *Enciclopédia pela Imagem*. 64 pag. — 3\$50.
 JOANA D'ARC — *Enciclopédia pela Imagem*. 64 p. — 3\$50.
 NOVO ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS LUSO-BRASILEIRO. Para 1928. Director: A. Xavier Cordêiro. 384 p. 16.º c. grav. — 5\$00.
 REVOLUÇÃO (A) FRANCESA — *Enciclopédia pela Imagem*. 64 p. — 3\$50.

RELIGIOES

FERREIRA PINTO (ANTÓNIO) — *Parábolas de N. S. Jesus Cristo com reflexões*. 108 p. 8.º c. est. e capa il. — 5\$00.

NUNES (LEOPOLDO) — *Fátima*. História das Aparições de Nossa Senhora do Rosário aos Pastorinhos da Cova da Iria. 84 p. 8.º c. grav. — 7\$50.
Coros Bíblicos (Letra e Música). 41 coros baseados em textos das Escrituras Sagradas. — 2\$50.

GOYAU (JORGE) — *Frederico Ozanam*. Trad. do Padre Trindade Salgueiro. 140 p. 8.º — 5\$00.
 LAUDET (FERNAND) — *História popular de Jesus*. Trad. de Manuel Valadares. 280 p. 8.º — 10\$00.
 NÓRTON DE MATOS (LUÍS DE CASTRO) — *O Espiritualismo Oriental de Rabindranath Tagore*. 32 p. — 5\$00.

SANTOS (JÚLIO EDUARDO DOS) — *S. Francisco de Assis*. Versão dos seus poemas e opúsculos, acompanhada de notas e de um bosquejo da vida, obra e ideal do Poverello... Pref.º de Mons. S. Nicotra. 310 p. 8.º — 18\$00.
 T. S. F. (A) *para o céu!* Como hei-de fazer a minha meditação (Padre Bernardes e S. Francisco de Sales) 80 p. — 2\$50.

BELAS-ARTES

GONZAGA FERREIRA (LUÍS) — *Monumentos sacros de Lisboa em 1833*. Manuscrito 215 da Secção dos Reservados da B. Nacional. Pref. por A. Vieira de Silva. — 80\$00.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA DE D. CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELOS. (Separata da revista *Lusitânia*). 16 p.

DIVERSAS PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

É quasi por inteiro dedicada à memória da Senhora D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, à sua elevada inteligência e aos seus profundos conhecimentos sobre a lingua e a literatura portuguesas, o último fascículo da *LUSITANIA*, revista de alta cultura que teve a honra de ser dirigida, desde o início, pela illust. e extinta. Neste fascículo colaboram, além doutros, o sr. dr. Meyer Luebké, que trata dos trabalhos romanistas produzidos pela insigne professora, o dr. José Maria Rodrigues, que recorda as valiosíssimas investigações por ela operadas na obra e vida de Camões, e outras individualidades nacionais e estrangeiras, que não qui eram deixar de render também seu preito. Também de assuntos de arte pictural e de arqueologia se occupam outros colaboradores deste tomo, como sejam Salomão Reinach, que versa o problema de Gizez, e José de Figueiredo, que atribui a autoria dum quadro de mérito existente num museu lá de fora a um pintor português quincentista.

— Pela vez primeira, apparece-nos o PORTUGAL EM AFRICA, revista de estudos coloniais que se edita em S. António do Zaire e é da responsabilidade do Grémio de Estudos Zaire. A relação dos seus colaboradores deste n.º, e b'ilhante: dela fazem parte homens que em matéria colonial são tidos como de excelente aviso e parecer.

— TERRAS DE PORTUGAL, tem outro n.º publicado. No seu texto fala-se de Braga, Setúbal, etc. Boa colaboração.

— Continuamos a receber, e n're outros revistas, O VALANTE, SICARA NOVA, REVISTA ANTI-BOLCHEVISTA, TERRA MAR, que faz propaganda da concelho de Castelo de Vide, REVISTA INSULAR E DO TURISMO, GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO, ALMA NOVA, cujo último n.º appareço denota apreciáveis melhoramentos, e REVISTA ESCOLAR, dirigida com muita competência pelo illustre pedagogista sr. dr. Faria de Vasconcelos.

— A revista BROTERIA merece sempre nota especial, pelo grande interesse scientifico e literario que caracteriza todos os seus tomos. O datado de Outubro ultimo não faz excepção á regra. Nele encontramos uma secção bibliographica desenvollida e, com outros artigos, um que trata da acção educadora do sacerdote.

— No n.º 7 da revista trimestral VASCO DA GAMA, editada pelo collegio lisbonense do mesmo nome, pode ler-se um curioso artigo firmado por B. Sanchez-Saenz, com teor informativo e critico, sobre a literatura argentina decerco mal conhecida da parte de cá do Atlantico e, sobretudo, em Portugal.

As livrarias AILLAUD e BERTRAND dão gratuitamente tôdas as informações ás consultas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao câmbio do dia

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual		Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	22\$00	43\$00	84\$00	ESPAÑHA	47\$00	92\$00
Registados.. .. .	24\$40	47\$80	93\$60	Registados	51\$80	101\$60
AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL... ..		49\$00	96\$00	BRASIL... ..	52\$00	102\$00
Registados.. .. .		53\$80	105\$60	Registados	61\$00	121\$20
INDIA, MACAU E TIMOR		53\$00	104\$00	ESTRANGEIRO... ..	63\$00	124\$00
Registados.. .. .		57\$80	113\$60	Registados	72\$60	143\$00

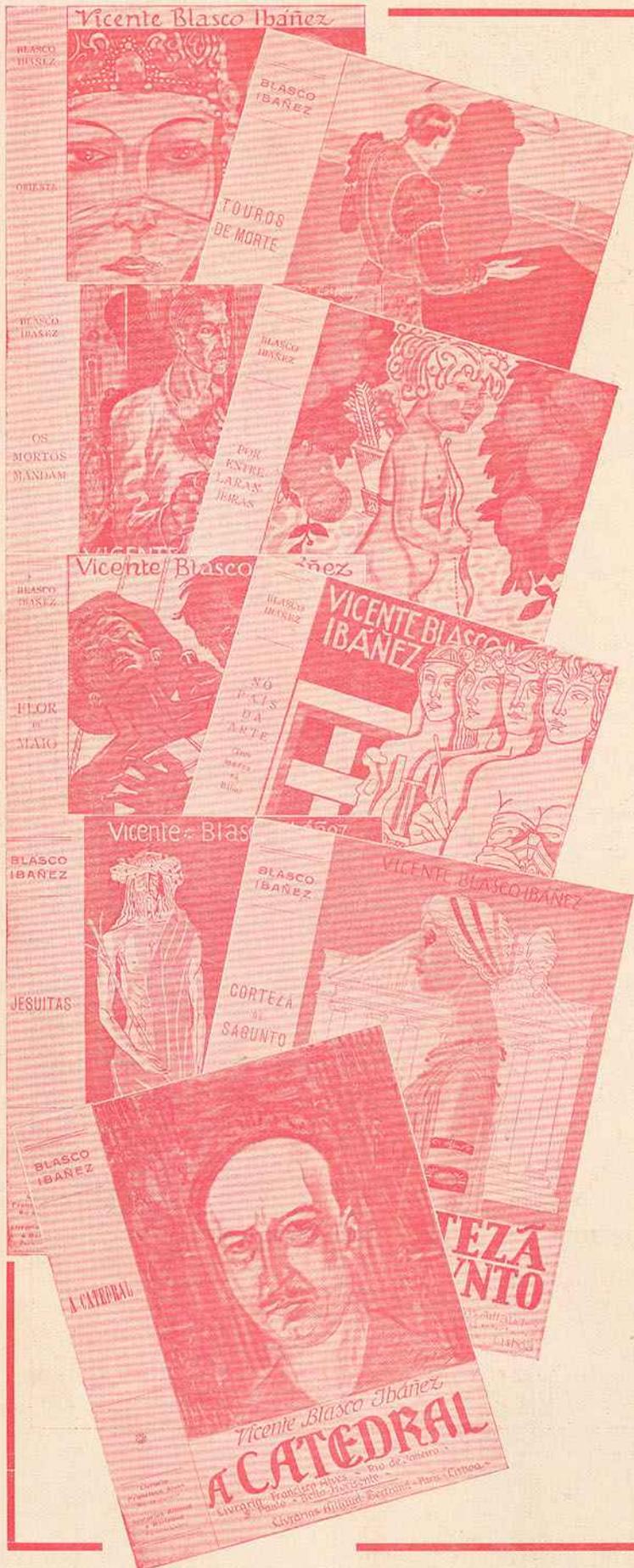
NÚMERO AVULSO 4730

VOGUA



SEMANARIO ILUSTRADO
DA MULHER PORTUGUEZA
EDIÇÃO DA CASA AILLAUD & BERTRAND

CADA NÚMERO (AVULSO) Esc. 1\$50



ACABAM DE PUBLICAR-SE

NOVAS EDIÇÕES

VICENTE BLASCO IBÁÑEZ

NO PAÍS DA ARTE, (*TRÊS MESES NA ITALIA*)

Tradução de Ferreira Martins, (4.^a edição).

O ORIENTE

Tradução de Ferreira Martins, (3.^a edição).

OS MORTOS MANDAM

(*Novela*) Tradução de Napoleão Toscano, (2.^a edição).

FLOR DE MAIO

Tradução de Joaquim dos Anjos e Mario Salgueiro, (2.^a edição).

POR ENTRE LARANJEIRAS

Tradução de Moraes Rosa, (2.^a edição).

A CATEDRAL

Tradução de Vasco Valdez, (4.^a edição).

JESUITAS (*EL INTRUSO*)

Tradução de Ribeiro de Carvalho e Moraes Rosa, (3.^a edição).

A CORTEZÂ DE SAGUNTO

Tradução de Ribeiro de Carvalho e Moraes Rosa, (3.^a edição).

TOUROS DE MORTE (*SANGRE Y ARENA*)

Tradução livre de Ribeiro de Carvalho e Moraes Rosa (2.^a edição).

CADA VOLUME EM BROCHURA

IO\$00 Esc.

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA